



EDIÇÃO 22 | ANO 11
JULHO DE 2024
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



R E V I S T A

Vertentes Cultural

Fé e devoção em Nazareno

Da Água ao Céu: as histórias de Cônego Heitor

Versos de um tropeiro saudoso

(Anísio Ferreira, o Didico do Rapé)

Pelo tamanho que eu tinha
Desde a idade que eu era
Entrei pela porta da sala e
Saltei pela janela

Eu descí pela horta abaixo
Catando as minhas goiabinhas
Cada rola que “avoava”
Eu pensava que a onça “envinha”

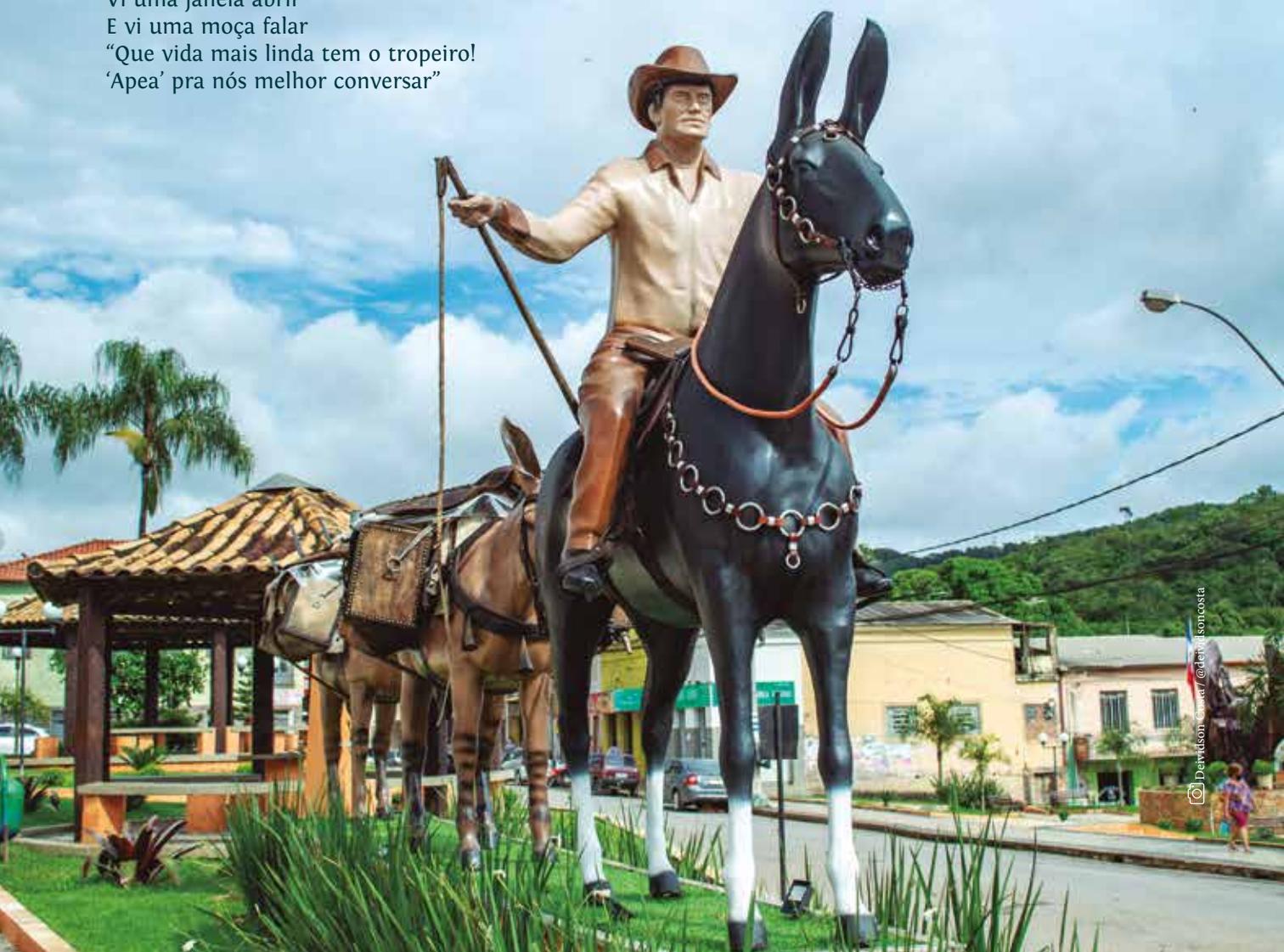
Eu saí de Dores de Campos
Com dez burros carregados de arreo
Com destino a São Julião
Fazendo aquele poeirão

Na passagem de uma cidade
Vi uma janela abrir
E vi uma moça falar
“Que vida mais linda tem o tropeiro!
‘Apea’ pra nós melhor conversar”

“Eu me chamo Lorena do Luar
Eu me falo ‘radiado”
“Me chamo Didico do Rapé
Morador e seu criado”

Tenho vendido muito arreo
Mas, também tenho comprado
Passo burro “brabo” no campo
E trago “cabestiado”
Não gosto de pôr arreo
Pro bicho pular folgado

Vê o destino como é que é traiçoeiro
Larguei de ser tropeiro
Pra ser um caminhoneiro



MARIANE FONSECA

Os santos entre nós

“A agulha puxa a linha, a linha puxa a agulha”, dizem alguns. E as pautas da Vertentes Cultural comprovam isso. Há pouco mais de dois anos, publicamos aqui as histórias de esperança e fé na “Cruz da Moça” e nas “Eduardas”, ambas em Comunidades de Ibertioga e Santa Rita de Ibitipoca. Foi, em dez anos de revista, nossa primeira incursão e menção aos “santos do povo” - gente martirizada ou inspiradora a quem são creditadas graças em momentos de desespero. Sem reconhecimento oficial da Igreja Católica, eles não têm altares, mas têm a devoção de quem recorre a essas almas como mensageiras diretas junto a Deus. O Vaticano, aliás, não condena essas manifestações. Ao mesmo tempo, entre os devotos, há profundo respeito e cuidado ao mencionar o socorro recebido, jamais ultrapassando uma quase hierarquia espiritual em que há intercessores, santos, Nossa Senhora (como mãe de todos) e a Santíssima Trindade (na qual se revelam Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo em Comunhão).

Há, então, uma mistura cativante entre manifestações de Fé, Cultura, Tradição. Daí o fascínio, daí a perpetuação ao longo do tempo, daí a necessidade de conhecer e contar, em nossas páginas, tais histórias.

Tão logo publicamos nossa primeira matéria em torno do assunto, mais sugestões chegaram. Dentre os nomes mais mencionados estava o de Isabel Cristina, jovem barbacenense que já passava pelo processo de beatificação - concretizado, aliás, em 2022. Mas havia, também, os apelos pela Jovem Desconhecida, em São João del-Rei (sobre quem publicamos em Dezembro de 2023).

Chegou a vez, então, de falar sobre Cônego Heitor. Se há mistério sobre a água que jorra de seu túmulo, em Nazareno; não é difícil explicar por que lágrimas brotam nos olhos de seus devotos com tanta facilidade. Por um lado, há os casos de quem o conheceu e se sentiu tocado por um exemplo quase etéreo de humanidade e empatia. Por outro, há os herdeiros dessa admiração que perpetuam, após a morte do sacerdote, uma fé inabalável em sua capacidade de, clamando a Deus por seus devotos, continuar transformando vidas.

É sempre comovente ouvir relatos de transformação, cura, alívio emocional, saídas inesperadas de labirintos que a vida ergue a todo e qualquer mortal. Porque há em todos os depoimentos uma esperança pura e entregue em heróis quase desconhecidos que seus devotos querem COMPARTILHAR. A mensagem, nas entrelinhas das orações e das narrativas, parece soar como: “Essa pessoa nasceu em nosso meio; essa pessoa é parecida conosco, mas virtuosa, próxima de Deus. Sendo assim, ah... Como gostaria que mais pequeninos e aflitos pudessem se conectar a ela e conseguir o bem que eu pude alcançar”.

É bonito, é profundo, é transformador.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

Filiada ao Sicoob Central Crediminas; à OCEMG - Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais; e à OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

João Pinto de Oliveira - Presidente
Fabiana Diélle Barros de Oliveira - Vice-Presidente
Antônio Vicente de Andrade
Cristiano Alexandre de Almeida
Lígia Honorina Moreira
Luís Cláudio dos Reis
Mauro Caporali Vivas
Wagner Ferraz Coelho Presotti
Yuri Carvalho Gomes

DIRETORIA EXECUTIVA

Flávia Alves Coelho
(*Diretora Executiva Administrativa*)
Hélder Resende
(*Diretor Executivo de Gestão de Risco*)
Luiz Henrique Garcia
(*Diretor Executivo Financeiro*)

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Efetivos: Cristóvão Avelar, Luís Gustavo de Resende e Rafael César Leão
Conselheiros Suplentes: Henrique Fernando Godinho Santos, Miguel Arcanjo de Carvalho, Manoel Salomão de Almeida

REVISTA VERTENTES CULTURAL

Revista semestral do Sicoob Credivertentes - Cooperativa de Crédito Credivertentes Ltda.
Endereço: Rua Carlos Pereira, 100
Centro - 36350-000 - São Tiago - MG
Telefax: (32) 3376-1386
E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

CIRCULAÇÃO

São Tiago, Alfredo Vasconcelos, Alto Rio Doce, Bias Fortes, Belo Horizonte, Barbacena, Cipotânea, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Desterro do Melo, Dolores de Campos, Ibertioga, Itutinga, Madre de Deus de Minas, Mercês de Água Limpa, Morro do Ferro, Nazareno, Piedade do Rio Grande, Prados, Resende Costa, Ritápolis, Santa Rita de Ibitipoca, Santana do Garambéu, São João del-Rei e Senhora dos Remédios.

APOIO OPERACIONAL

Elisa Cibele Coelho

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Mariane Fonseca - MTB 15.883/MG
Tiragem: 5000 exemplares

FOTOS

Deividson Costa

Eventuais parceiros no desenvolvimento de pautas e na cessão de fotos publicadas na revista o fazem de maneira voluntária, com apresentação dos devidos créditos e sem ônus para a Cooperativa.

DIAGRAMAÇÃO

Mapa de Minas Comunicação Integrada.
As matérias veiculadas na Revista Vertentes Cultural do Sicoob Credivertentes podem ser reproduzidas, desde que citadas as fontes.

ÍNDICE

06

ENTREVISTA

Leila Ferreira



11

GASTRONOMIA

Parada obrigatória na capital: o Garagem Burguer



18

TURISMO

Santana Pedacinho do Céu



25

NOSSA COOPERATIVA

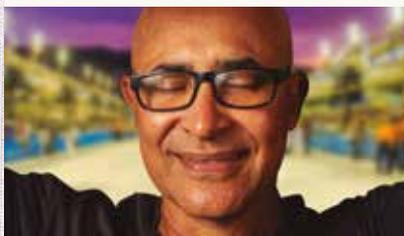
Sicoob Credivertentes adere à Neutralização de Carbono



28

PRIMEIRO PLANO

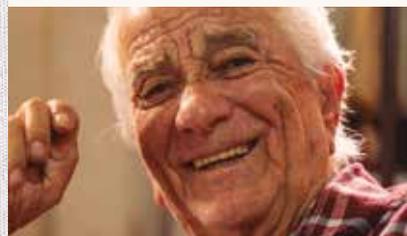
Quem é rei nunca perde a criatividade



35

VIDA

De tropeiro a caminhoneiro



42

MEMÓRIA

O Santo Padre

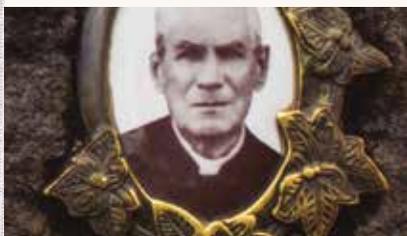


FOTO DO SEMESTRE



O Cruzeiro da Pedra Ramaiuda na Comunidade de São Gonçalo do Amarente, em São João del-Rei. No registro, há ainda a beleza e o esplendor do Sol colorindo o lugar

Carta do LEITOR

Dê sua opinião sobre a revista e envie sugestões de pauta também! Fale com a gente no email credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

“

Recebi e li a edição nº21. Essa revista foi uma grata surpresa. A Cooperativa está de parabéns!

”

*Helbert Aliani,
de Dores de Campos*

“

Sou apaixonado pela revista e pelo conteúdo incrível, afetivo, inspirador. Tem aquela escrita que conversa com a gente e nos conecta a outras pessoas, lugares e sentimentos. Parabéns pelo trabalho!

”

*Dione Dias,
de Antônio Carlos*

A arte de ser
**Leila
Ferreira**



“Gente! Você é a *Leila Entrevista!*?”, quis saber uma admiradora com encanto e espanto, há algum tempo, numa das milhares de vezes em que Leila Ferreira foi reconhecida por aí. A reação dela não poderia ser outra: concordar sorrindo. Durante 10 anos, aquele foi exatamente o nome do programa que comandou na Rede Minas e na TV Alterosa. Mas poderia resumir, também, um dos (vários) papéis que exerce com maestria.

Na carreira, Leila entrevistou mais de 1600 pessoas, “desde Seu Manoelzinho, servente de pedreiro e cineasta do Espírito Santo; até personalidades como o escritor Sidney Sheldon em sua casa, na Califórnia; e a Rainha Silvia, da Suécia, no Palácio Real de Estocolmo”.

Não bastasse isso, a jornalista graduada em Letras e mestre em Comunicação é autora de *best-sellers* e

palestrante. No último 10 de Maio, porém, Leila levou outra expertise para o palco do *I Encontro de Mulheres Cooperativistas: “A Arte de Ser Leve”*. Para isso, soltou o verbo com elegância discutindo, sem tabus e com excelente timing, pautas tão diversas quanto gentileza, pressa, fardos, pequenos prazeres, shampoos “para acalmar os fios, como se tivessem Fluoxetina”, culpas e angústias que ela leva, aliás, para a terapia.

Nesta entrevista para a *Vertentes Cultural*, Leila confessa que foi provocada pelo terapeuta recentemente. “Conversávamos sobre minha facilidade em pensar nos outros e esquecer de mim mesma; de ser muito atenta à minha família e me abandonar”, conta. A sessão assim serviu como um despertador emocional.

Hoje Leila consegue, por exem-

plo, se permitir escapar ao longo de três dias para Tiradentes, mesmo que editores ansiosos e prazos apertados batam à porta. O movimento é necessário pela saúde mental e física; pelo bem-estar - mas tem seus paradoxos. “Perdi três irmãos e minha mãe. As pessoas que esperavam meu cuidado partiram e... Honestamente? Preferiria tê-los aqui sem sobrar um mísero minuto pra mim. (*suspira*) É complexo. Mas a leveza tem a ver com desfazer os nós nesses cadarços e seguir caminhando”, analisa Leila, que se define como “avessa a receitas”. “Pra mim elas se restringem à cozinha ou ao consultório médico. Mas se minha incompetência em viver ajudar alguém a ser mais competente, está de ótimo tamanho”, ri com ternura.

Senhoras e senhores, Leila Ferreira.



Vertentes Cultural - Quando a identidade do “Encontro de Mulheres Cooperativistas” começou a ser desenvolvida, o Dente-de-Leão foi cogitado como símbolo. Mas seu livro “A Arte de Ser Leve” mudou a proposta... O pássaro como arquétipo, inclusive na capa, não foi escolhido à toa por você, certo?

Leila Ferreira - Não, não mesmo (sorrindo). Aquela foi uma referência a Paul Valéry, um poeta francês. Ele dizia - ou talvez aconselhasse - que precisamos ter a leveza do pássaro, e não da pluma. A pluma acompanha o vento sem rumo. Seria, até, um exemplo da “insustentável leveza do ser” do Milan Kundera.

Com o pássaro é diferente. Ele tem um norte, uma direção bem traçada. Costumo dizer, e escrevo no livro, que a leveza dele está a serviço do existir.

Vertentes Cultural - De alguma forma isso é possível pra nós?

Leila Ferreira - Possível, não fácil... Essa leveza a que me refiro não é aquela com ‘oba-oba-a-vida-é-bela’. Não, minha gente... A vida é duríssima. Mas o fato de a jornada ser pesada não exige que também o sejamos; que nos transformemos em fardos desagradaíveis para quem nos encontra.

Se cuidamos do peso do corpo, por que não cuidamos do peso da alma, do nosso avesso? Há uma multidão de pessoas pesando 150kg de impaciência, estresse, preconceito, materialismo, intolerância... Se deixar, faço uma lista até amanhã (risos). Mas está aí a grande questão: há coisas que pesam inevitavelmente. Todos colecionamos traumas, tristezas, medos, perdas, arrependimentos - essa também é uma lista gigantesca. Faz sentido acrescentarmos mais cargas?

Vertentes Cultural - Por falar nisso, um peso recorrente seria o “peso do mundo”? Isto é, aquela angústia por saborear um croissant quando falta pão e há miséria no mundo; sorrir quando há um conflito entre Israel e Palestina vitimando também crianças... Como equilibrar consciência crítica, solidariedade e gratidão?

Leila Ferreira - Entendendo, primeiro, que vivenciar alguns privilégios não nos torna indiferentes, mesquinhos ou piores automaticamente. Em vez dis-

so, porém, cedemos a um autoflagelo que é, em última instância, inútil. Abrir mão do seu café da manhã vai levar ao cessar-fogo em Gaza? Fechar a cara vai salvar alguma vida? O contrário, no entanto, é uma força de contribuição para o Planeta. Não que a ONU vá reconhecer nossa simpatia. Mas nosso ambiente e nossos relacionamentos mudam; as pessoas ao nosso redor agradecem e, sendo assim, olha só... até nos mobilizamos melhor pelo que acreditamos, quando sentimos ser necessário; no que for possível, etc.

“

A pluma acompanha o vento sem rumo. Seria, até, um exemplo da ‘insustentável leveza do ser’

”

Vertentes Cultural - E há uma sobrecarga, nesse sentido, para as mulheres?

Leila Ferreira - Sinto que estamos todos esgotados - e essa é uma discussão mais do que necessária. Mas, de fato, o repertório de culpa das mulheres é vastíssimo. Historicamente, avançamos com muitas conquistas. Ainda assim, temos que nos livrar de dois inimigos seculares - quiçá milenares: o perfeccionismo e a culpa. Pagamos, todos os dias, as penitências de todos os pecados... Se os filhos vão mal na escola, a culpa é nossa por não acompanhar melhor as tarefas; se a mãe idosa cai, a culpa é nossa porque não cuidamos dela direito; se o marido trai, é porque não somos interessantes o suficiente. Temos uma desenvoltura enorme para abraçar todas as culpas com rapidez. E é aí que acabamos, infelizmente, paralisadas.

Vertentes Cultural - Creio que essa

resposta se encaixe em um trecho do livro “Que Ninguém Nos Ouça”, assinado por você e pela também escritora Cris Guerra (hoje Cris Paz). Nesse segmento específico, você desabafa dizendo que “nosso saldo é sempre insuficiente e a sensação é de que, a qualquer hora, o banco vai encerrar nossa conta”...

Leila Ferreira - Inclusive nas pequenas coisas. Dias dessas visitei a Denise Fraga, de quem gosto demais, e ela comentou que não aguenta mais ouvir “você tem que ler esse livro; tem que ver essa filme; tem que ouvir essa música”. Somos bombardeados o tempo todo por esses “tem que” disfarçados de dicas. O excesso é tamanho que a gente se pergunta até onde está atualizado, se consegue conversar com as pessoas sem maratonar as mesmas séries que elas.

Além disso, não dá tempo pra tanto. Queremos também silêncio, dormir, não ter que aprender algo novo com um podcast famoso sempre. Eu mesma parei de responder a esse tipo de pergunta com o “ainda não”. O “ainda” soa como uma pequena promessa que vira, inclusive, autocobrança. E nós, mulheres, somos implacáveis nisso.

Nos cobramos por não correr 20km todos os dias antes de amanhecer; por ter linhas de expressão; por não seguir um cronograma capilar e optar por um coque fácil como penteado nos dias mais corridos, por ter estrias. Isso sem falar nas comparações... Precisamos entender, inclusive, que temos papéis, vontades e vocações diferentes dos outros. Conhece alguém que fala seis línguas? Que bom. Lembre-se, também, de infinitas coisas que você faz e ninguém realiza com a mesma qualidade. Não é uma disputa, não preciso copiar e colar quem está perto de mim. É uma cilada - em que caímos e nos ferimos frequentemente.

Vertentes Cultural - Acho interessante que suas respostas têm vulnerabilidade e empatia ao mesmo tempo. Quer dizer... Embora seja palestrante e vá subir ao palco para conversar com 200 mulheres, em momento algum se coloca como uma guru, alguém que já escapou dos labirintos. É diferente. A sua “arte de ser leve” ainda está sendo aperfeiçoada - e isso é, também, uma forma de acolher as pessoas, de elas se reconhecerem no que compartilha e diz sentir na pele, talvez...

Leila Ferreira - Guardo comigo o



que uma entrevistada disse certa vez: tem gente que nasce leve. Quem não nasce, tem que aprender. A leveza pode ser um presente ou um dom para alguns poucos sorteados na loteria da vida. Mas em geral, para a maioria de nós, é resultado de exercícios pessoais, uma musculatura emocional, quem sabe, exigida o tempo todo. A gente sua e até se cansa pra alcançar a leveza - e pra isso é preciso haver disposição.

Pessoalmente, nunca acreditei naquela Síndrome de Gabriela - “eu nasci assim, eu cresci assim. E sou mesmo assim, vou ser sempre assim”, sabe? Porque ok... Não escolhemos onde vamos nascer, que cor de olhos teremos. Mas podemos escolher a gentileza, o carinho, a atenção, a leveza em si. Adoro uma frase do Cortella sobre “gente que nos dá o prazer de sua ausência”. Porque minha meta é não ser essa pessoa. Temos, sim, um direito garantido e irrevogável de receber o mau humor em casa de vez em quando. O problema é quando passa a morar conosco e nos acompanhar em todos os lugares. ▼





Mais *que uma escolha* **FINANCEIRA.**

A decisão de se unir a outras pessoas para todo mundo crescer junto faz toda a diferença, na música e nas finanças. Por isso, nossa escolha financeira vai além de produtos e serviços completos: no Sicoob, a gente participa dos resultados, tem voz ativa e ainda ajuda toda a região a se desenvolver.

#VEMPROSICOOB

sicoob.com.br



Baixe o App Sicoob
e abra sua conta.



CENTRAL DE ATENDIMENTO Capitais e regiões metropolitanas: 4000 1111* | Demais localidades: 0800 642 0000 | SAC 24 horas: 0800 724 4420

Ouvidoria: 0800 725 0996 - de seg. a sex., das 8h às 20h - ouvidoriasicoob.com.br | Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458 - de seg. a sex., das 8h às 20h.

*Caso a localidade não possua o serviço 4000 ou 4007, informe o n° da operadora mais o DDD 61 (0xx61 4000 1111).

Parada obrigatória na capital: o Garagem Burguer

 Belo Horizonte



Pão, carne moída moldada em um disco suculento e adicionais ao gosto de cada freguês. Falar - ou pensar - num hambúrguer é gatilho fácil pra tal “água na boca” dos mais famintos ou apaixonados por boas iguarias. Mas fato é que, muito antes de se transformar num prato prático e democrático, ele teve uma história... rocambolesca. No Século XIII, povos Mongóis passaram a acrescentar carne amassada ao pão (um senhor de 13 mil anos, inclusive). Depois, no Século XVII, açougues alemães começaram a desenvolver técnicas para literalmente moer, temperar e moldar o alimento.. Onde? Mais especificamente na cidade de Hamburgo - daí a nomenclatura, a princípio, dos bifés em si. Quando moradores do lugar migraram para os Estados Unidos, trouxeram a novidade para a América. E foi na porção Norte do Continente que o formato da carne se aliou a pães charmosamente redondos, oficializando o combo de carboidrato e proteínas como *hambúrguer*.

Chegar ao Brasil, de acordo com matéria do *New York Times*, demorou um pouco mais. Enquanto nos EUA consumidores se esbaldavam com a maravilha antes de terminar o Século XVIII, terras brasileiras só conheceram esse sanduíche na Segunda Guerra Mundial. À época, de acordo com o jornal, hambúrgueres eram usados por soldados americanos - alocados na Base Aérea de Natal - como ferramenta para o flerte. Quem entregou a estratégia à publicação foi o então governador do Rio Grande do Norte, Raphael Fernandes, “focando” ainda que até casamentos saíram disso tudo.

Em 2024, um cardápio com 20 hambúrgueres totalmente artesanais dá sabor diferenciado à união entre Hector Santos e Fabíola Kele de Jesus. Ainda bem - porque, se dependesse de uma salada de frutas, a história de amor e empreendedorismo não teria acontecido.

GARAGEM

O nome do estabelecimento no Vista Alegre, em Belo Horizonte, não é por acaso. Em 2017, quando abriu as portas pela primeira vez, o Garagem Burguer funcionava, de fato, num cômodo feito para guardar veículos. Mais do que isso: naquela época, além de um negócio focado em delivery, o lugar era a grande esperança de seu idealizador, Hector. “Sabe o fundo do poço? Duran-



te dois anos foi nesse lugar que eu fiquei. Estava sem trabalho, deprimido, com a cabeça tomada de pensamentos ruins. Minha salvação foi encontrar forças pra pesquisar sobre algo que vivia mentalizando sempre: hambúrgueres artesanais”, conta. Os pensamentos repetitivos, no entanto, nada tinham a ver com gula. Eram timing e empreendedorismo.

Na verdade, mais ou menos em 2014, um termo e modo de fazer hambúrgueres começou a chamar atenção na Baixa Gastronomia brasileira - *smash burger*.

Também importada dos Estados Unidos, a ideia de prensar bolas de carne moída na chapa e transformá-las em bifes esteticamente imperfeitos parece simples e muito mais prática. Mas tem, na verdade, referência científica.

A mágica saborosa acontece quando, em contato com o calor, a carne gelada experimenta a Reação de Maillard - isto é, quando aminoácidos e açúcares desencadeiam transformações químicas que levam, na prática, às tentadoras crostas douradas e acastanhadas envolvendo um interior suculento que em nada lembra as texturas industrializadas. Foi assim que as hamburguerias brasileiras - que já se rendiam às produções gourmet (com produção refinada e maior elaboração dos ingredientes) - conheceram a dinâmica artesanal. Aos poucos, aliás, o nicho foi sendo ressignificado e ganhando propostas com identidades e personalidades muito próprias de cada estabelecimento.

Por um bom tempo, no entanto, a modalidade pareceu restrita ao mapa de São Paulo. “Havia uma tendência fazendo sucesso ali fora e eu queria trazê-la para Belo Horizonte. Sonhava em fazer isso, aliás, na minha Comunidade”, diz Hector sobre o bairro Vista Alegre, na Zona Oeste, onde cresceu.

O insight se misturou a planejamento temperado com “uma pitadinha de loucura”, como o próprio Hector define. E foi assim que, ao longo de 24 meses, ele se salvou do “fundo do poço” para mergulhar em pesquisas sobre tipos de carnes, blends, temperos, temperaturas, queijos, pães. Nesse processo, nomes como Eduardo Perrone (*chef, idealizador do canal Sanduba Insano*, mentor de Negócios Gastronômicos) e Marcos Brito (*criador do Burger Expert*) se transformaram em suas maiores referências.

Outro ingrediente, no entanto, também fez tudo mudar em Novembro de 2016. Fabíola.



“PÊRA, UVA, MAÇÃ.. SALADA MISTA”

O restante da canção infantil, lançada por Xuxa em 1995, pede: “diz o que você quer sem eu dar nenhuma pista”. “Eu queria era nada! Que música horrível, que ódio!”, dispara Fabíola. E é fácil ter empatia com relação a isso. “Era manicure aos Sábados. De Segunda a Sexta, trabalhava no ramo financeiro e, pra chegar ao escritório, encarava metrô, ônibus... Aí imagina a situação de estar exausta, com transporte atrasado e ter que aguentar um carro de som miserável com música da Xuxa no alto-falante todo santo dia”, justifica. O carro era dirigido por Hector há sete anos. E dentro dele havia, de fato, um estoque de Saladas de Frutas frescas. “Podia estar com fome, mas não comprava um potinho sequer”, garga-lha Fabíola. Exatamente por isso, nesse

período, nunca se viram. Mas algum tipo de providência uniu os dois.

No segundo semestre de 2016, a jovem com ranço de um jingle repetitivo sobre Pêras, Uvas e Maçãs acabou conhecendo o ex-empresário que usava aquele som para atrair clientes. “A princípio, não soube que Hector era o vendedor que me irritava (*risos*). Sorte a nossa”, avalia. E do mercado também. Em Janeiro de 2017 os dois já eram um casal na vida e nos negócios.

AMAR E EMPREENDER

Fabíola diz que cresceu “numa casinha pequenininha do Rio de Janeiro” ao redor da boa mesa - como qualquer típico mineiro. A familiaridade com a culinária, porém, não a fez deduzir que empreenderia no setor mais tarde. “Sempre imaginei que trabalharia com Beleza, Estética. Quando Hector abriu

SABORES

Para não começar pelo óbvio, vale dizer que o Garagem serve porções; hidrata gargantas com drinks especiais; e adota paladares com sobremesas também. Mas vamos ao que interessa: os hambúrgueres. No local, que ostenta o “Artesanal” no nome, é impossível fugir também do “Gourmet”. E está aí parte da personalidade única no cardápio.

Ali, os sanduíches têm apelo visual, sendo preparados de maneira harmônica e “instagramável” (como dizem por aí) tanto no excêntrico e gigantesco Monster quanto no singelo Kids Burger.

Ainda independentemente do tamanho, aliás, os pães macios e de textura agradável coroam o fator ornamental envolvendo carnes que, em geral, vão muito além das tímidas 100 gramas que deram fama aos *smashes* há cerca de 10 anos.

Sim, no Garagem Burger a maioria dos discos tem 170 gramas. No Double Bacon, por exemplo, ele vem acompanhado de duas generosas fatias do ingrediente, queijo à escolha, alface e tomate. Para os menos modestos, o Triple Cheddar é proposta parecida abusando, como o nome diz, do queijo alaranjado.

Quem não consome carnes também é lembrado por ali e pode se deliciar com o Vegetariano, criação que substitui o bife por um respeitável anel de cebola harmonizado com duas fatias de mussarela, ovo e salada. Já no Pork Chicken Bacon há o casamento perfeito entre frango e carne suína no pão de gergelim - mesmo componente do simbólico Garagem Burger, que inclui o abacaxi entre os recheios. Todas as opções chegam à mesa com o esplêndido molho da casa. E que fique claro: chamá-lo apenas de “complemento” beira à injustiça.





o Garagem, aliás, apoiei como parceira e dei minha torcida. Mas não me comprometi a colocar a mão na massa. Jurava que seguiria outro caminho. Poucos dias depois havia tantos pedidos que comecei a ajudar e dali não saí mais”, narra.

Não foi a única a contrariar planos, no entanto. “Meu pai (Carlos Santos) queria que eu buscasse alguma estabilidade no Estado; que seguisse carreira na Polícia, como ele. Mas desde pequeno eu tinha uma coceirinha pelo comércio”, aponta Hector. Isso porque, já aos 8 anos, vendia um combo com pão, molho e suco no Vista Alegre. Pouco depois, aos 10, passou a acompanhar a mãe (Elma Grisante) em feiras grandes nas quais comercializava enxovais para bebês. Detalhe: a iniciativa para ambas as histórias foram dele. “Acho que sempre me senti atraído pela coisa de negociar, de poder oferecer algo que as pessoas gostem. Ainda menino eu conseguia até vender brin-

quedos quebrados”, revela.

Com essa experiência, não foi difícil chegar ao Garagem Burguer na vida adulta. Ou melhor... Foi, sim.

DA GARAGEM AO CONCEITO

Hector não consome hambúrgueres. Na verdade, ele prefere mesmo fatias generosas de pizza. Para quem não o conhece, essa seria uma contradição; mas pra quem já se acostumou ao seu caos criativo, esse foi o gatilho para grandes ideias.

De fato no início de 2017, quando abriu o Garagem Burguer na casa dos pais, Hector não tinha uma grande estrutura. Mas ousou ao trazer ao mercado, já de cara, um cardápio com 10 hambúrgueres artesanais. “Imaginei pessoas diferentes com gostos muito diferentes. Tem gente que abusa do queijo, tem gente que só quer saber do bacon. Tem quem ame um sanduíche gigante, quem fique satisfeito com uma opção mais modesta, quem ame salada e quem não queira

ver uma folhinha recheando o pão. Fui montando um quebra-cabeças até chegar em opções democráticas”, pontua frisando a última palavra. E talvez seja ela o grande mote do Garagem Burguer - com bons porquês.

No Vista Alegre e arredores não era difícil ouvir relatos sobre desconforto e rejeição no circuito gastronômico. “As pessoas da região não se sentiam bem-vindas nos estabelecimentos de renome, nos espaços gourmet, digamos assim. E nossa proposta sempre foi mudar isso. Então queríamos abrir as portas em todos os sentidos - tanto no estrutural, de um salão com mesas; tanto no democrático, de acolhimento e bons serviços para absolutamente todos”, esclarece Fabíola.

Foi a partir desse propósito que o negócio precisou sair da garagem física sem abrir mão da garagem simbólica. Daí chegar a 2020 mantendo o nome-raiz numa locação totalmente diferente.



Em plena Avenida Capim Branco, o casal inaugurou uma hamburgueria-conceito com 16 mesas capazes de receber até 60 pessoas; menu ainda mais amplo; área para drinks e design autoral.

Aos Sábados, quando até 300 hambúrgueres chegam a ser preparados (entre os consumidos no local e os encomendados no delivery), até filas são formadas na calçada. Se engana quem pensa, porém, que a clientela é regionalizada. “Temos clientes de todos os lugares. Quem é da região sabe que é quase da família. Até porque, a maior parte dos nossos funcionários é nascido e criado aqui no entorno. Mas as boas-vindas são pra todos. Numa mesma noite, recebemos visitantes de todo canto de Belo Horizonte”, comemora Hector. Literalmente.

Entre a garagem onde o sonho começou e o hall amplo, foi preciso testar imóveis menores até não comportarem mais a grandiosidade do empreendimento. Tudo isso além de superar os impac-

tos da Pandemia. Ao menos foi essa a visão de Fabíola. “Enquanto eu perdia a sono com as contas, esse doido inventava mais despesas. Num belo dia cismou com embalagens personalizadas e simplesmente fez a compra. Gigante”, conta. Hector, do outro lado da mesa, ri oscilando entre um pedido de desculpas e um ar de “não errei, hein?”. “Ela me xingou; meu pai me xingou; o cachorro da rua latiu me xingando... Mas eu tinha um propósito: queria que todo mundo visse nossa marca e nosso número de telefone. No delivery recebido pelo vizinho; na cozinha do amigo que acabou de lanchar; na lata de lixo”, defende.

E deu certo mesmo. A visibilidade da embalagem somada a uma conta de Instagram movimentada fez do Garagem Burger umas das referências de seu nicho, além de catapultá-lo ao *Burger Fest* - simplesmente o “maior roteiro gastronômico de hambúrgueres no Brasil”.

ARTESANAL

Comer no Garagem Burger é uma experiência gastronômica, arquitetônica e artística. O ambiente equilibra, num design conceitual, modernidade, amplitude e aconchego. Por isso mesmo é cenário perfeito para os 20 hambúrgueres do menu. Ou melhor: a moldura adequada para as obras de arte que chegam às mesas.

De cara, no segundo que separa o encanto visual da primeira mordida, se percebe que a harmonia de sabores vem desde a harmonia estética do pão, que parece esculpido, ao queijo derretido com maestria.

Já a carne e os molhos são atrativos (sedutores) à parte. Aliás, um aviso: você pode tentar, perguntar, sofrer, chorar e até subornar. Mas no Garagem Burger ninguém vai revelar o tempero dos bifes exclusivos ou a composição dos blends. As receitas de cremes e maioneses da casa (nada menos que três) são menos públicas ainda. “Não é egoísmo. É proteção ao fator-surpresa”, se diverte Hector. “O importante é garantir, sempre, que nossos ingredientes foram pensados, pesquisados e fornecidos por bons parceiros. As combinações são sonhadas com todo carinho por nós”, completa Fabíola.

E não há clichê nisso. Na verdade, casal que empreende junto faz um quase estágio junto em qualquer estabelecimento que frequente. “A gente deixa de ser cliente e vira pesquisador. Conseguimos ter nossos momentos, sair. Mas observamos e nos inspiramos em boas experiências também”, esclarecem.

📷 Mariane Fonseca



O evento acontece em seis capitais numa dinâmica saborosa: ao longo de um mês, casas e chefs escolhidos pela curadoria do festival são desafiados a servir criações inovadoras no circuito. Em 2023, o Garagem Burguer entregou a Picanha 2.0, uma proposta montada dentro do mais tradicional pãozinho de sal com Picanha de verdade, cebola crispy, duas fatias de mussarela, bacon e salada. Para equilibrar a crocância com suculência farta, o sanduíche vem com geleia de pimenta e molho especial.

SEGREDOS DO CHEFE

Desafios como esse não tiram o sono de Hector. Ao contrário, eles o estimulam. “Eu funciono na pressão (ou no desespero do ‘em cima da hora’). Queria ser dessas pessoas que se inspiram no trânsito, no banho, em sonhos... Que saem com coisas novas sentando com um bloquinho à mesa. Comigo as ideias brotam

quando Deus quer no meio da confusão”, brinca.

Foi assim, aliás, para surgir a criação mais recente, um hambúrguer de Frango Empanado. “Clientes pediam muito alguma coisa nesse sentido e eu não entregava. Quando comecei a sofrer com isso, senti uma coisa num corredor de supermercado e saí catando ingredientes. A impressão era de que um foco de luz baixava e... pum! Iluminava o que eu precisava”, lembra.

Depois disso veio o isolamento criativo. “Toda vez é assim: entro no Garagem, digo que preciso de um momento a sós e em silêncio com os ingredientes. Entendo quando me chamam de louco”, suspira.

O GOSTINHO DO FUTURO

Fabiola e Hector contam toda essa história com o bebê de ambos, Anthony, no colo. Além dele, Hector tem outros dois filhos, Christopher e Cauã. Já Fabiola é mãe de Alexandro, um jovem de 19 anos que, na data da conversa com a equipe da *Vertentes Cultural*, se preparava para comandar uma no-

va ilha de drinks no também novo Garagem Burguer.

Isso mesmo: a hamburgueria programou, para Julho, a inauguração de um ambiente remodelado e ainda maior na mesma avenida. Agora, um complexo com 300 metros quadrados vai comportar até 160 pessoas em arquitetura clean ampla - embora flertando com o visual industrial em alguns detalhes -, mezanino com espaço kids; e vista para a cidade.

O estabelecimento ganha, ainda, o reforço de uma parrilla com 680 quilos e um nome que entrega tudo: Furiosa. A churrasqueira, comum a argentinos e uruguaios, vai dar ainda mais aroma, suculência e crostas douradas aos bifes artesanais.

Liderando mais de 20 funcionários distribuídos entre atendimento, cozinha, bar, manutenção e entregas, Hector e Fabiola completam o organograma com harmonia. Ela administra burocracias, gere pessoas e testa os produtos pensados. Ele os idealiza e converte em pratos irresistíveis.

Empreender com amor tem, sim, um gostinho diferente. ▼



Santana Pedacinho do Céu

Cidade no Circuito Serras de Ibitipoca é refúgio pacífico para uns, fonte de adrenalina para outros e potencial de Ecoturismo para todos

 [Santana do Garambéu](#)



Pedimos licença a Lô Borges e Milton Nascimento para contar que “da janela lateral do quarto de dormir” Gustavo Campos viu, como na música, um “sinal de glória”. Morador de Conceição do Ibitipoca, o jovem enxergou na vizinha Santana do Garambéu o imponente Cume do Edy - e descobriu haver ali muito mais que um mirante. “Era na verdade o lugar perfeito pra praticar Voo Livre”, explica sobre a formação rochosa com 1,3 mil metros de altitude.

Decolou, ali, uma ideia. E não demorou para que o espaço fosse então ressignificado. Também (re)conhecido como Rampa Dona Urbana, o local sediou em Outubro de 2023 o *I Encontro de Voo Livre* santanense, reunindo 20 praticantes e pelo menos uma centena de espectadores. Idealizada por Gustavo e Tatiane Oliveira, aliás, a proposta inédita integrou o calendário do *III Festival da Primavera de Turismo, Cultura e Esportes da Natureza* - um nome que faz

jus a muito do que Santana do Garambéu conhece (muito) bem. Daí, então, ser base para um projeto desenvolvimentista e sustentável (que fique claro).

Por enquanto, a Prefeitura local não tem números definitivos, mas reconhece e incentiva o Ecoturismo como grande aptidão “tal qual a própria Pecuária”, explica o subsecretário de Turismo, Sérgio Grossi.

Também pudera. Parte do Circuito Serras de Ibitipoca, Santana do Garambéu ostenta serras e paredões tão acessíveis quanto instigantes. Além disso, é cortada pelo Rio Grande num fluxo intenso perfeito para a Canoagem (que, em 1986, fez Grossi se apaixonar pelo município). Moto Trail, Trekking e Trail Run encontram rotas fantásticas no mesmo lugar. E para os menos afeitos aos exercícios físicos... Calma! É possível tomar banhos de cachoeira ou mergulhar em piscinões naturais sem precisar de grandes aventuras.

Com e por tudo isso, fica impossível negar a aura cativante e apaixonante da cidade. Um case perfeito para um nicho que se consolida a passos largos no país.

De acordo com o Ministério do Turismo, uma em cada quatro viagens domésticas já são dedicadas ao Ecoturismo no Brasil. Em outras palavras: 25% dos viajantes nacionais querem sombra e água fresca no sentido mais exato dos termos. Some a eles vento na cara, pés na terra, mato por todos os lados, a prática de algum esporte radical e... encontre a fórmula para 60% do faturamento em Turismo no Brasil, de acordo com o Sebrae. Na ponta do lápis, isso significa US\$70 Milhões no mercado interno.

Em Santana do Garambéu não faltam talento e possibilidades pra responder por parte ainda mais significativa desse desempenho. Mas há ali um outro diferencial: boa gente.



AS CORREDEIRAS DO RIO GRANDE

Santana do Garambéu, 1986. Membro da Federação Brasileira de Canoagem e acostumado a competições de alto nível, Sérgio Grossi se apaixonou, naquele ano, pela cidade a 65km da terra natal, Barbacena. Não imaginava, ainda, que teria endereço fixo por ali algumas décadas depois. Mas tinha certeza absoluta de que voltaria - com cada vez mais gente - ao Rio Grande. Parte de uma Bacia Hidrográfica que corta 393 municípios em São Paulo e Minas Gerais, o curso d'água intenso, ladeado por serras e pedreiras, é mais do que um cartão-postal - é fluxo ideal para os apaixonados por esportes náuticos.

E provas disso não faltam. Em 2019, matéria publicada pelo *Globo Esporte* (atual *Ge.Globo*) enalteceu a Descida Luis Garambeo, um circuito de Canoagem com nada menos que 60km. A rota, programada para dois dias, foi idealizada por Grossi e ganhou o nome de povoador que, conta a História, foi pioneiro no desbravamento da região no Século XVIII. “O trecho previsto no passeio é muito bonito e muito calmo, com apenas duas corredeiras. Por isso vamos descer até com remadores iniciantes”, disse Grossi à época,

acrescentando: “Será um movimento de observação turística. No percurso tem uma gruta que era habitada por indígenas e também o ponto histórico onde uma canoa de mais de 500 anos foi encontrada”.

A veia competitiva, no entanto, segue pulsante. Hoje, Santana do Garambéu sedia o Campeonato Mineiro de Canoagem e deve ser palco para o Campeonato Brasileiro de Raft, dando ainda maior robustez ao Festival da Primavera de Turismo, Cultura e Esportes da Natureza.

Quando a equipe da *Vertentes Cultural* visitou a cidade, sondava-se o período entre Outubro e Novembro de 2024 para a maratona de atividades que atraiu, em 2023, 150 atletas se aventurando no ar, na terra e na água local. Ao falar sobre o assunto, Grossi deixa clara, nas entrelinhas, a expertise de esportista (ele já foi, inclusive, técnico da Seleção Júnior de Canoagem); de associativista (que atuou como presidente da Federação Mineira do setor e integrou comitê importante envolvendo Eco-Canoagem e Turismo); geógrafo; e especialista em Recursos Hídricos. Um currículo que o tornou, por excelência, subsecretário de Turismo santanense. “O município tem aptidão nata para a prática de esportes da nature-

za. É simplesmente a 14ª cidade mais alta do Brasil; e a 8ª de Minas Gerais, o que é magnífico para o Voo Livre. Ao mesmo tempo, temos o Rio Grande como outra grande dádiva em nosso mapa, permitindo práticas muito distintas de Canoagem. Tudo isso rodeado por trilhas que, por sua vez, abraçam muitas outras atividades - sejam elas competitivas, sejam elas de lazer”, explica.

Toda essa história diz muito. O mesmo Grossi que na década de 1980 viu tamanha beleza e potencial em Santana do Garambéu é há oito anos gestor da pasta pública que tem como missão impulsionar essas mesmas características. Na prática, o município coloca um pé no território do Ecoturismo como mola propulsora do mercado; e mantém o outro na Sustentabilidade. Não por outro motivo, oito cachoeiras abertas ao público são inventariadas como Patrimônio santanense. “Há duas questões quase unânimes por aqui: uma é o sentimento coletivo de que todos são bem-vindos se compartilharem o amor e o cuidado por esta casa. Entende? Outra é de que tudo isso só é possível com tempo, planejamento e racionalidade. A Natureza, aqui, é um tesouro a ser compartilhado, mas igualmente protegido. Ao mesmo tempo, onde há potenciais também há gargalos a se-



rem amenizados - um deles o de hospedagem, por exemplo. Daí crescermos de maneira processual, mas constante; inclusive aprendendo com cada visitante e cada evento realizado”, avalia.

O CUME DO EDY

A 3km da área urbana, uma montanha imponente é coroada por eucaliptos e faz qualquer um desconfiar que, ali, a contemplação é diferente. A confirmação vem depois de uma hora e meia para quem caminha; e alguns minutos para quem alcança o topo num veículo 4x4. E é de tirar o fôlego - mesmo com a abundância de ar puro e fresco.

Com 1,3 mil metros de altura, o Cume do Edy é democrático em todos os sentidos. Para começar, seu acesso é totalmente gratuito. Além disso, é área extensa para quem quer acampar; panorâmica privilegiada para quem quer assistir ao nascer ou pôr do Sol; e, como já dito, pista cuidadosamente planejada pela Natureza para o Voo Livre. Daí ser conhecido também como Rampa Dona Urbana.

Edy e Urbana, que nomeiam popular e oficialmente o lugar, são irmãos. E foi com ele que nossa equipe bateu um papo ao visitar Santana do Garambéu. Homem do campo por convicção e paixão, Edy (na Certidão de Nascimento; e “Edi” nas placas que orientam visitantes) mantém no Sítio do Cedro onde nasceu e cresceu um alambique. Dali saem Cachaça “da boa”, piadas com autosabotagem e boas amizades. “Produzo uns 300 litros por mês. Parte vira presente pros amigos e o resto eu mesmo bebo e acho que por isso cheguei aos 74 anos. É claro que já tenho uma prateleira de remédios dentro de casa. Mas o que me mantém vivo mesmo é a pinguinha”, brinca.

Além de Dona Urbana, Edy Miranda teve outros 16 irmãos. Todos cresceram, inclusive, tendo o cume como vizinho e local de trabalho. “Minha mãe criava carneiros ali. Então a gente subia o morro com os animais e descansava lá em cima, bebia água nas nascentes ali perto. Nunca imaginei que um dia o pasto viraria uma rampa de Voo Livre. Mas quando aconteceu a felicidade foi grande demais. Hoje em dia minha alegria é colocar uma cadeira perto da porteira, abrir uma cervejinha e ver os atletas voando. O céu fica colorido”, descreve.

Viver a experiência em si, ao que parece, também é questão de tempo. “Tenho coragem demais! Só falta alguém me convidar”, gargalha.

Já José Raimundo Martins, o Zé Manoel, não tem o mesmo ânimo. “Deus me livre!”, argumenta. Ainda assim, ele participou do *I Encontro de Voo Livre* ativamente. Produtor rural e dono de um restaurante na cidade, Zé Manoel tem numa caminhonete sua maior aliada. Durante o Festival de Primavera, no entanto, ela foi carona para atletas da modalidade.

“Quando alguém pousava longe, eu descia o morro e ia buscar. Conheci muita gente boa nesse trajeto”, diz. Santanense “raiz”, José Raimundo também nasceu “na roça, graças a Deus”. Na infância, aliás, andava 14km para chegar à escola. “Era difícil e sofri-



do. Mas o Sol que a gente via nascendo por causa disso compensava o cansaço”, se recorda.

Zé Manoel, que ocupa uma cadeira na Câmara de Vereadores em Santana diz sonhar com o potencial da cidade elevado ao máximo. E o faz sem discurso político. “Acho que tudo o que Deus dá precisa ser compartilhado. Não seria diferente com as belezas daqui”, defende.

Mas não bastasse isso, há os fatores técnicos. “Para quem pratica o Voo Livre, há duas condições importantes. Uma delas é o Lift. Basicamente, ele acontece quando o vento bate na montanha e sobe. Há também as Térmicas, bolhas de calor que se desprendem do chão e vão ascendendo. Como a Rampa Dona Urbana é muito extensa e há variedade de relevo no entorno, os dois fenômenos são frequentes. Exatamente por isso, dá pra voar o dia inteiro partindo daquele ponto. Também não faltam áreas de pouso com terrenos limpos, pastos fofos e muita segurança por todos os lados”, elogia Tatiane Oliveira, idealizadora do *I Encontro de Voo Livre* junto a Gustavo Campos.

Vale lembrar ainda que o Cume do Edy oferece vista de 360 graus, permitindo vislumbrar o Planalto de Andrelândia, a Serra da Mantiqueira e o próprio Parque Estadual de Ibitipoca.

CACHOEIRA DA ÁGUA LIMPA

Um pássaro estampou a última edição da revista *Vertentes Cultural*, em Dezembro de 2023. Mas tão fascinante quanto o voo dele captado num clique fotográfico foi o local onde ele foi flagrado batendo asas: o entorno da Cachoeira do Apiário. O complexo a 12km de Santana do Garambéu e 30km de Andrelândia agradaria gregos e troianos. Ou melhor: observadores de aves em busca de novas incursões; e qualquer mero mortal ávido por um mergulho em água limpa - seja para lavar os pecados, espantar o stress ou refrescar o corpo mesmo.

Não é, porém, um pedaço isolado do paraíso. Em Santana do Garambéu, é praticamente impossível cruzar uma via vi-





Santana do Garambéu é conhecida, por moradores, como Pedacinho do Céu. Também pudera: por lá, a Natureza exuberante remete a quase tudo o que se imagina de um paraíso. A Cachoeira da Água Limpa, super próxima ao município em si, é um exemplo disso

cinal sem esbarrar com uma placa de madeira pintada à mão indicando a queda d'água mais próxima. Hoje, a Prefeitura local conta quase dez aberturas ao público. E elas se destacam tanto pelo visual quanto pela abundância e, acredite, suas histórias.

Uma das mais marcantes fica a cargo da Cachoeira dos Defuntos, um nome que contrasta o esplendor do lugar com um contexto... macabro, pra dizer o mínimo. Texto publicado no blog *Terra de André* narra a história. Segundo o artigo - que encontra eco em narrativas santanenses -, um homem de sobrenome D'Ávila mantinha, no Século XIX, a Fazenda Pinheirinho. Mas a cachoeira dentro do terreno não era seu maior

atrativo. Por ali o maior apelo se concentrava numa espécie de hospedaria para tropeiros - e não eram poucos os que cruzavam a região.

Acontece que, ao contrário do que se poderia pensar, os mais abastados e com mais "moedas na canastra" eram os mais desafortunados. Aqui cabe uma nota: o termo "assassino em série" (*serial killer*, originalmente) só surgiu em 1979. Mas se encaixa perfeitamente ao perfil de D'Ávila que, sim, matava a sangue frio e com violência os tropeiros que queria roubar.

Sem levantar suspeitas, o fazendeiro teria afundado todos os corpos no poço mais profundo da cachoeira no rancho. O número de vítimas é um mis-

tério, mas pode ser tão amplo quanto os relatos de ossos surgindo em ribeirões próximos - alguns deles, inclusive, teriam sido resgatados por escravos em tempo de seca e sepultados numa capela local.

Já na Cachoeira da Água Limpa, a apenas 4km do Centro de Santana, não guarda histórias assim. Mas é tão fascinante quanto sua quase vizinha. De fácil acesso, ela é antecipada pela visão reconfortante do Rio Grande ao longo do caminho. Depois, num capricho da natureza, até tenta se esconder numa "garganta" de pedra sem conter o barulho intenso da água esverdeada e limpa que despenca ali tendo, em frente, uma charmosa prainha.



PAREDÃO DE SANTANA

O mato é alto e pode parecer um labirinto para os mais desatentos. Mas nesse grupo não entram Gonçalves da Costa, 68 anos; e Grilo, seu cão que faz jus ao nome saltitando de um lado a outro. Costa tem literalmente, no quintal de casa, o Paredão de Santana - muralha rochosa com mais de 120 metros e grutas que vez ou outra recebem caminhantes guiados. Uma delas, no alto, dá passagem para a Pedra dos Cativeiros - e acertou quem deduziu que outra história triste envolve o apelido. “Quando criança me contaram que escravos fugidos se escondiam aqui. Quando viam os capatazes chegando pra capturá-los de volta, eles faziam uma oração e se jogavam. Pra eles, era melhor morrer do que ser pego, castigado e maltratado de novo”, reflete Seu Gonçalves. E acrescenta: “É alto mesmo, viu? Quando moleque eu subia lá direto”.

Hoje, segue corajoso e não se faz de rogado quando visitantes batem à porta. “Já me perguntaram se não tenho medo de gente desconhecida. Tenho, não! Eu sou pobre... Se não valho

nada vivo, imagina morto. Então recebo quem chega e pede pra ver de perto o Paredão. Se conheço cada palmo disso aqui e posso ajudar, venho feliz. Agora, pra entrar nas grutas, tem que chamar um guia mesmo”, explica ele, que se recorda de Santana do Garambéu como um vilarejo com no máximo 40 casas. Ainda assim, o crescimento da cidade e o Ecoturismo cada vez mais forte não o assustam: “Esse lugar é bonito demais pra ficar guardado, né?”.

Impossível esquecer. ▼



Cooperativa pioneira mais uma vez: Sicoob Credivertentes adere à Neutralização de Carbono

 Campo das Vertentes

“Um pequeno passo para o homem; um grande salto para a Humanidade”. A frase dita por Neil Armstrong ao pisar na Lua em 1969 não podia ser mais literal. Ao comandar a missão Apollo 11 ao lado de Michael Collins e Buzz Aldrin ele de fato mudou a História. Mas vale falar, também, em impactos - especialmente no aspecto ambiental.

Isso porque, ao caminhar no espaço, Armstrong deixou mais do que pegadas na superfície da Lua. Ele ajudou a aumentar Pegadas de Carbono. Na Terra.

O termo, cunhado por William Rees

e Mathis Wackernagel nos anos 1990, corresponde ao impacto das atividades humanas sobre a Natureza. Tudo isso tendo como métrica a quantidade de Dióxido de Carbono (CO₂) emitido por elas. Ou, em outras palavras, o rastro de Gás Carbônico deixado por essas ações no Planeta.

Pois bem: em 2022, uma pesquisa publicada na *Nature Astronomy* apontou que atividades astronômicas envolvendo telescópios (terrestres ou espaciais) emitem 20 milhões de toneladas de CO₂ - resultado que se equipara, por exemplo,

às emissões anuais de países inteiros como a Bolívia ou a Croácia.

Se essa Matemática já é assustadora num recorte mínimo do que faz a NASA, imagine o estrago causado por uma longa História de experiências espaciais - incluindo a incursão que levou Armstrong à Lua. E sim, faz todo o sentido se preocupar com isso.

Na prática, quanto maior a ousadia e o progresso dos nossos tempos, maior o lançamento de Gás Carbônico pelo ser humano na Atmosfera. Daí, portanto, mudanças climáticas tão drásticas nas



últimas décadas, a exemplo das ondas de calor sentidas em 2023.

Mas, afinal, o que o Cooperativismo tem a ver com isso? Tudo.

ONTEM, HOJE E TODOS OS DIAS

Segundo o *Our World in Data*, até a Revolução Industrial no Século XVIII pouco se percebia quanto a emissões de Dióxido de Carbono. O cenário mudou - muito - na metade do Século XIX. Em 1950, apontam números do portal, foram emitidos 6 bilhões de toneladas de CO₂; saltando para 20 bilhões na década de 1990. Atualmente, esses índices ultrapassam a marca de 35 bilhões de toneladas todos os anos.

E está aí um ponto chave: tão precipitado quanto jogar todo esse impasse na conta das incursões espaciais é restringir seu peso a atividades em grande escala. Isso porque, basicamente, quase tudo o que fazemos, temos ou usamos - inclusive corriqueiramente - altera o saldo de CO₂ no ambiente.

Texto publicado pela *Superinteressante* destaca que uma quase inocente cervejinha de fim de semana representa meio quilo de Gás Carbônico solto por aí. Até os e-mails trocados ao longo do ano têm seu peso, representando 135kg no período.

Viver, então, é um quase pecado capital para o Meio Ambiente? “De forma alguma”, tranquiliza Amanda Gorodicht, da O’Green Brasil. “Na verdade, é muito importante clarificar alguns conceitos em torno do tema pra

que nossas rotinas e mesmo o desenvolvimento não gerem culpa extrema em nós. Em vez disso, é necessário falar em maior atenção e cuidado”.

NEM VILÃO NEM MOCINHO

O alerta está lá, nos livros didáticos: Dióxido de Carbono (CO₂), Metano (CH₄) e Vapor D’água (H₂O) intensificam o Efeito Estufa. Da mesma forma, quando aparece em discursos políticos ou de conscientização, o fenômeno soa como um terror não tão distante a ser combatido. Não há mentira nisso. Mas há notas a serem acrescentadas. “O Efeito Estufa, por incrível que possa parecer, é um processo natural e essencial ao Planeta”, continua Amanda. “Sem ele, na verdade, a Terra chegaria a temperaturas de -18°C - um nível que tornaria inviável qualquer forma de vida, incluindo a nossa”, frisa.

Isso porque, de fato, cabe ao Efeito Estufa reter parte da radiação solar refletida pela superfície terrestre, criando um ambiente aque-

cido o suficiente para nossa existência. “O problema está na emissão excessiva dos Gases de Efeito Estufa (GEE), sendo o principal justamente o Gás Carbônico”, completa ainda a representante da O’Green. Daí a importância da Neutralização de Carbono - isto é, do mapeamento e cálculo do CO₂ emitido por determinada atividade visando compensá-lo logo depois. Sustentabilidade é isso.

O SICOOB CREDIVERTENTES

A pesquisa é bem rápida: ao digitar os termos “Sicoob Carbono Neutro” no Google, o primeiro resultado leva ao site do Sicoob Credivertentes. De fato, a instituição foi pioneira na Neutralização de Carbono em suas agências - e tem expandido, junto com esses resultados, a conscientização em torno do tópico.

Em 2023, a Cooperativa se aliou à O’Green Brasil nesse trabalho e fechou o ano compensando 80 toneladas de CO₂ emitidas entre Janeiro e Dezembro. “No Sicoob Credivertentes, entendemos a Sustentabilidade como essencial em todas as esferas da nossa atuação. Por isso, é palavra-chave nos nossos negócios, primando por Crédito com Justiça Financeira, por exemplo; e no nosso relacionamento com as Comunidades em que atuamos”, comenta o diretor executivo-financeiro da Cooperativa, Luiz Henrique Garcia.

“O Cooperativismo é humanista porque enaltece e protege as pessoas. Aí está um diferencial



importante inclusive para nossa instituição. Daí apostarmos tanto em nossos Investimentos Sociais e incluímos, entre nossos projetos, ações de Responsabilidade Ambiental. O cercamento de Nascentes e a Neutralização de Carbono são exemplos disso”, completa o membro-fundador e presidente do Conselho de Administração, João Pinto de Oliveira.

O QUE ISSO SIGNIFICA

Combustíveis, energia elétrica, destinação do lixo... Uma série de variáveis norteou a O'Green no levantamento do CO2 emitido nas agências do Sicoob Creditantes em 2023. Com monitoramento e mapeamento feitos, a Cooperativa adquiriu os chamados Créditos de Carbono - tudo isso através de projetos balizados pela ONU que podem envolver produção de energia renovável, eficiência energética, aterros sanitários, ações de reflorestamento, etc.

Em 2024, eventos realizados pela instituição também contaram com a Neutralização de Carbono. O primeiro foi o *Encontro de Planejamento Estratégico*, que reúne e engaja funcionários de todos os Pontos de Atendimento. O mesmo aconteceu com a *Assembleia Geral* e

o *I Encontro de Mulheres Cooperativistas* - esse último congregando 200 Cooperadas em Tiradentes. Vídeos educativos, banners, blocos didáticos e lápis-semente compuseram as ações de informação sobre o tópico. “Tão importante quanto comunicar as preocupações e as transformações da nossa instituição é convidar quem faz parte dela a integrar todas as revoluções. Por isso, criamos materiais de conscientização convidando todo mundo a cuidar, em todos os ambientes, de detalhes que fazem a diferença na emissão de Gases de Efeito Estufa. A mudança acontece assim, coletivamente”, finaliza a supervisora de Comunicação e Marketing Elisa Coelho. ▼

MUNDO

Chuvas fora de hora, inundações em áreas costeiras, geleiras derretendo, calor intenso e quase insuportável. Não são poucas as consequências do Efeito Estufa desordenado - e não é nova a dor de cabeça que ele causa. Desde a Conferência de Estocolmo, em 1972, a emissão de gases que intensificam o fenômeno é pauta urgente, polêmica e com grande influência em políticas públicas.

A distância entre os debates e a implementação de soluções, porém, ainda é gritante - e mal acompanha a velocidade em que novos aceleradores de GEE surgem na História. Não por outro motivo, a Organização das Nações Unidas (ONU) classificou a Neutralização de Carbono como “missão planetária mais urgente” até 2050. De fato “países representantes de 70% da Economia mundial e 65% dos Gases de Efeito Estufa emitidos no globo se comprometeram a atingir e neutralidade de Carbono até e metade deste século”, destacou a entidade.

O Brasil faz parte desse grupo e quer reduzir suas emissões em 48% até 2025. O corte deve saltar para 53% até 2030.



Quem é rei nunca perde a criatividade

*Senhor dos
Metais reina no
Carnaval, na
arte, na vida*

 [São João del-Rei](#)



Guaci Monsores não precisa de crachá ou currículo pra explicar o que faz da vida – afinal, tudo nele o anuncia como “artista” em alto, criativo e bom som. Também é clichê dizer que “nasceu fazendo arte”, mas é preciso (com uma boa história).

No início dos anos 1960, um chorinho de bebê rompeu o Bairro da Penha, no Rio de Janeiro. O barulho se misturava à agonia de Maria Luiza Monsores – num trabalho de parto custoso – e ao canto intenso de um vizinho indígena que clamava pelo fim daquela angústia. Também pudera: Guaci veio ao mundo na casa da avó, Divina, pesan-

do 5kg e com 50cm. Uma grandiosidade simbólica de quem se tornaria, nas décadas seguintes, o Senhor dos Metais.

E acredite: o termo vai muito além de uma marca.

Quando criança, Guaci usava lacres de Leite em Pó para criar... miniaturas de ônibus. Sim, ônibus – veículos pelos quais era, nas próprias palavras, “inexplicavelmente apaixonado”. Pra isso, aliás, transformava esmaltes da mãe e das irmãs em cola, além de vez ou outra “cegar” tesouras de costura da família. A traquinagem artesanal rendia, claro, brigas e algum castigo. Mas nada que realmente o censurasse criativamente.



O SENHOR DOS METAIS

Guaci não usa despertadores pra acordar pela manhã. Ou melhor: não usa um convencional. Isso porque todos os dias, às 6h, é acordado por Flecha, seu cão, escondeiro, amigo e alertador de rotinas. “Não tem atraso. Ele entra no quarto, me dá umas cabeçadinhas caninas no braço e... pronto! Tô de pé”, brinca o artista plástico.

Há, claro, todo um ritual nas primeiras duas ou três horas do dia: conversar com a amada, Alessandra; tomar café, passear com Flecha. Depois, é só a arte que importa, sendo foco e prioridade até as 19h. Nesse período, haja chapas galvanizadas, de alumínio e ferro cru para compor suas esculturas – e sendo sacras ou pagãs todas elas são, para Guaci, sagradas. Uma visão que enaltece tanto o trabalho quanto toda a epopéia que o transformou de criança artesã por hobby a profissional aclamado. Isto é, o Senhor dos Metais. “O nome veio por acaso. Nos barracões de escolas de samba, onde atuo há quase 25 anos, a gente se identifica pelas funções. Então na verdade não existe o Guaci, existe o ‘dos metais’. Sabe? Então vira e mexe escuto ‘chama lá o ‘dos metais’ e sei que estão se referindo a mim”, se diverte.

O “Senhor” no prefixo vem em respeito à jornada extensa. “Bom, faço ‘meia dois’ em breve”, diz no melhor “carioquês” com relação aos 62 anos. Daí completa: “Sou inegavelmente um senhor mesmo”. O termo não deixa de ter, porém, aquele sentido de “maestria”. E sendo Guaci um autodidata, impossível refutar.



Tanto foi assim que, em 2024, Guaci comemorou como poucos o título da Unidos da Viradouro no Carnaval carioca. Afinal, confeccionou uma série de esculturas, peças e adornos que cruzaram o sambódromo.

CARROS MAIS QUE ALEGÓRICOS

Monza, 10 de Setembro de 1972. A bordo de sua histórica Lotus 72D, Emerson Fittipaldi alcança Jacky Ickx, da Ferrari. Naquele dia, a segunda colocação no pódio ainda dava ao sulamericano o primeiro título brasileiro na história da Fórmula 1 – afinal, vencera cinco das 12 corridas anteriores com excelência.

Mas Fittipaldi queria o topo e, obstinado, não descansou as engrenagens da máquina preta e dourada que pilotava. Ickx abandonou a prova pouco depois, restando ao comandante da Lotus 72D outra missão antes da bandeirada final: gerenciar a vantagem mantendo, atrás de si, o maior rival da temporada: Jackie Stewart, da Tyrrell. Deu certo. Narrada com paixão por “Barão” Wilson Fittipaldi (sim, pai de Emerson) na Rádio Panamericana, a conquista mudou a história do Brasil na F-1 e... a de Guaci. “Eu simplesmente reproduzi a Lotus preta com latinhas de cerveja. Tirei as rodas de um carrinho aqui, usei o motorzinho de uma vitrola ali e pronto”, conta.

Cinquenta e um anos mais tarde, a proposta foi outra – e nada minimalista – junto à Unidos da Viradouro. O convite para levar sua arte à “Vermelho e Branco de Niterói” veio do próprio Tarcísio Zanon, jovem carnavalesco à frente da agremiação. Dali em diante, cinco meses passaram no calendá-

rio com imersão em todos os sentidos. “Foram muitas horas de trabalho duro todos os dias; então não demorou para que o barracão virasse nossa casa”, explica Guaci sobre a atuação como ferreiro. E não há por que duvidar da comparação. Entre Setembro de 2023 e Fevereiro de 2024, o artista plástico perdeu as contas de quantos ensaios testemunhou às 4h; e de quantas vezes se percebeu com vigor criativo ainda alto às 22h.

Dá pra cansar só de ler. Mas Guaci fala sobre esse período... sorrindo.

VIRADOURO

Os relógios já marcavam muito além das 4h quando, sob um céu já pronto para amanhecer, a Viradouro cruzou o Sambódromo carioca – e não demorou para impressionar. “A escola trouxe para a Avenida uma beleza estética e plástica que vai enchendo os olhos e emocionando”, disse sem rodeios o carnavalesco, cenógrafo e comentarista Milton Reis da Cunha Júnior enquanto a apresentação monumental da “Vermelho e Branco de Niterói” era transmitida ao vivo pela TV.

Não mentiu. Como se já antecipasse a consagração da Viradouro na

Sapucaí, Milton fez coro com outros especialistas intrigados pelo espetáculo da escola. Guaci, por sua vez, compartilhava da mesma opinião – e do mesmo sentimento.

Em mais de 20 anos de experiência na avenida e com uma lista ampla de agremiações no currículo, o “carioca da Penha” – que até hoje mantém o DDD 21 no número de celular – conhece bem sobre a poeira dos bastidores, o brilho das alegorias e o olhar minucioso dos jurados na Marquês de Sapucaí. Daí decifrar o arrepio que sentiu naquela madrugada, com os primeiros repiques de bateria, como um sinal de “Viradouro campeã”. “O enredo era forte, emanava na paixão das pessoas desfilando. Além disso a escola entregou, de fato, um espetáculo visual à parte”, avalia Guaci.

E o faz, aliás, com conhecimento de causa (pra dizer o mínimo). Afinal, das mãos e do talento de Guaci vieram itens essenciais ao desfile: uma cobra de metal com oito metros de comprimento; 20 Quartinhas (vasos arredondados usados também em rituais); e adereços que embelezaram uma gigantesca sacerdotisa. As obras de arte ocuparam a alegoria “Ludovina de Gu Rainha e a formação dos terreiros Jeje na Bahia”.

No chão, Erika Januza vestiu armadura e adereço metálicos cravejados em pedras. Tudo ganhando corpo numa beldade que, além de ostentar carisma e samba no pé, trazia um Takará nas mãos. Estava ali, no instrumento ritualístico, outra assinatura de Guaci.



OUTROS “CARNAVAIS”

A história do artesão, porém, tem muitas outras apoteoses (com o perdão do trocadilho). Na verdade, antes de se tornar “O Senhor dos Metais” (como não à toa é conhecido hoje), Guaci precisou ser senhor do próprio destino. E até pra isso a criatividade com ousadia foi sua aliada. “Vim de uma família pobre da Penha. Isso significava, no início dos anos 60 e 70, que ‘arte’ não era carreira. A bem da verdade, sequer era ganha-pão”, analisa olhando para um Anjo gigante que ele mesmo esculpiu apenas com pregos. Aí suspira, e continua: “O único caminho previsto pra gente como eu era continuar na escola, frequentar um curso do Senai e, com o diploma de lá, trabalhar”.

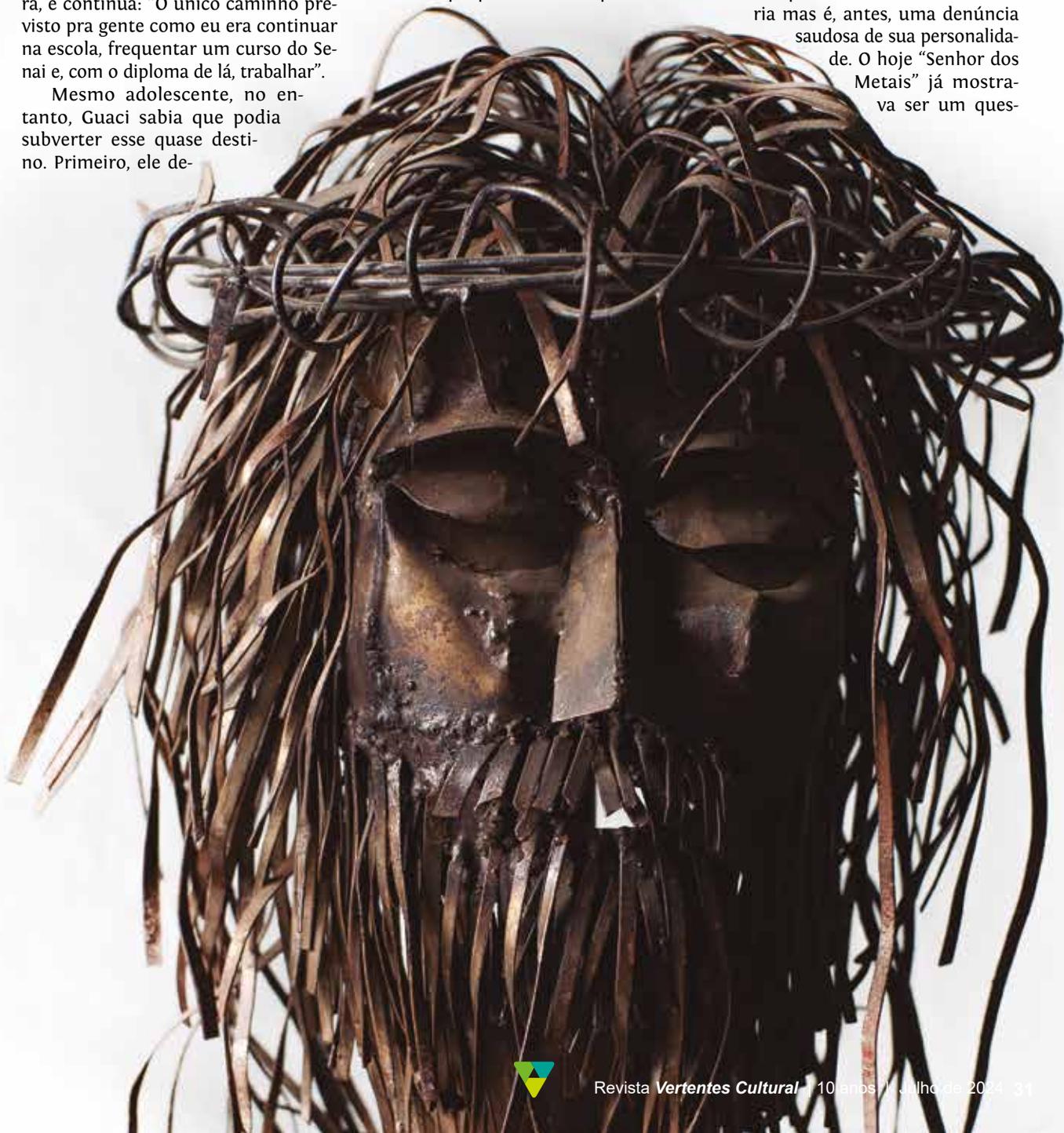
Mesmo adolescente, no entanto, Guaci sabia que podia subverter esse quase destino. Primeiro, ele de-

dicou esforços e suor ao Esporte – e não, desta vez a conversa não é sobre Fórmula 1. Acontece que, um ano antes do título de Fittipaldi, Guaci ouviu também pelo rádio outro triunfo verde-e-amarelo: o da Seleção Canarinho na Copa de 1970. Mas não era Pelé quem o encantava; era Félix, o “herói improvável” do time. Ou melhor: o goleiro “baixinho” (para os padrões futebolísticos da época); que não usava luvas; e tomou seis gols em sete partidas no torneio do México (média de 1,16 por jogo) – daí, justificam alguns, certa fama de “frangueiro” mesmo compondo um time que passou invicto pelo Mun-

dial. Nada disso importava para Guaci.

Para ele, a lembrança marcante ficou para os gritos de “Voa, Félix!” nas transmissões – um chamado estridente à elasticidade e ao tempo de reação do Camisa 1. “Ele era minha referência. Queria espalmar e ‘salvar o Brasil’ como ele fez – e treinava pra isso. Então jogava a bola com força na parede e, quando ela voltava pra mim, simulava pulos de defesa caindo em cima da cama. É claro que ela quebrou, pra desespero da minha mãe”, diverte-se Guaci, que se tornou arqueiro de uma equipe local até os 16 anos.

Pode parecer uma história aleatória mas é, antes, uma denúncia saudosa de sua personalidade. O hoje “Senhor dos Metais” já mostrava ser um ques-



tionador de possibilidades. E fez mais do que adotar como ídolo um goleiro questionado (na época). “Fiz cursos técnicos, como era o roteiro da época, pra tranquilizar o coração da família. Mas... Escolhi áreas criativas: Vitrine, Publicidade, Desenho Artístico...”, ri.

CARA E CORAGEM

Difícil fugir, aqui, de outro clichê sobre o artista/artesão/escultor: nas mãos – e na vida dele – tudo se transforma. Sempre foi assim, aliás, envolvendo desde as miniaturas de ônibus da infância até as peças grandiosas no desfile da Viradouro. Entre um capítulo e outro da história, porém, muita coisa aconteceu (ou Guaci fez acontecer).

No currículo, antes de se assumir oficialmente como artista plástico, ele atuou em restaurantes, empreendeu com uma confecção, se tornou vitrinista com expertise e aclamação no mercado. Mesmo assim, a arte permeando a função e rendendo dez salários mínimos ao mês não o completavam. Veio então a reviravolta (ou o verdadeiro e legítimo “Bug do Milênio” na vida dele). “De 1999 pra 2000 joguei tudo pro alto e falei: quero trabalhar com o Carnaval. Fui chamado de louco, questionado por todos os lados. Nunca esqueci, inclusive, do que ouvi da namorada da época: ‘Isso é só um devaneio seu’”.

Não, não foi. Dois anos antes, ainda em 1998, Guaci tinha se permitido uma transgressão criativa. Até aquele momento, se dedicar efetivamente às esculturas era um plano constantemente adiado. “Eu sabia da minha vontade, sabia do meu sonho. Mas influenciado pelo que ouvia na infância focava no que era considerado ‘trabalho de verdade’”, conta. Acontece que, num rompante, montou em 1998 uma réplica do rosto de Jesus Cristo. Totalmente feita em metal, a peça virou decoração no escritório do artista-até-então-grande-vitrinista. “Talvez aquela fosse uma mensagem espiritualizada ou um sinal pra me conectar com o que realmente movia minha alma; com meu dom”, analisa.

Fato é que, dali em diante, suas decisões parecem ter sido, mesmo, abençoadas. A primeira delas, aliás, foi procurar ninguém menos que Alexandre Louzada para conversar. E para entender o tamanho da coragem e ousadia, fica aqui uma pequena biografia: Louzada já era, no início dos anos 2000, um dos mais importantes e imponentes nomes do

Carnaval carioca. Hoje, aliás, é o carnavalesco mais antigo em atividade tendo passado por agremiações como Beija-Flor, Mangueira e Mocidade. Nessa trajetória toda, acumulou seis campeonatos no Rio e dois em São Paulo. “Naquele época, ele estava na Portela e era, pra mim, o ‘dono do Carnaval’. Então fui com ‘a cara e a coragem’ bater à porta dele”, ri Guaci.

Eis que, naquele momento, não havia vagas na “Majestade do Samba”. “Ainda assim, o Louzada foi de uma gentileza absurda e indicou que eu procurasse a Beija-Flor. De fato, lá, havia trabalho a ser feito”, relembra.

E não era pouco. À época, a escola precisava de cavalos alados e um cisne com cinco metros de altura na Sapucaí. Coube a Guaci elaborar o protótipo dos primeiros - com um metro de comprimento - na tentativa de impressionar outra grande figura da avenida: Luiz Fernando Ribeiro do Carmo, o Laíla.

O PRIMEIRO CARNAVAL

Laíla, que faleceu em 2021, foi emblemático na história dos desfiles por nada menos que 50 anos. Dessas cinco décadas, três foram dedicadas à Beija-Flor - onde participou de 13 dos 14 títulos conquistados pela agremiação. “Naquele dia cheguei ao barracão com o protótipo todo embrulhado e já fazendo planos de fuga caso ouvisse que meu trabalho estava horrível. (risos) É sério! Eu só olhava pra porta calculando quanto tempo gastaria pra passar por ela e sumir”, relata Guaci.



O pensamento intrusivo fez senti-
do no contexto. Quando o escultor de-
sembrulhou tudo o que produziu em
metal, a comissão que acompanhava
Laíla não esboçou qualquer reação - ele
próprio, tampouco. “Eu só ouvia o som
do silêncio. Se uma mosca batesse as as
ali, seria um estrondo”, ri novamente.

Eis que a quietude foi quebrada por
um palavrão de Laíla que, acredite, signi-
ficou um elogio. Aquela resposta censurá-
vel - e impubescível - foi, assim, a bênção
para que Guaci seguisse em frente.

No Carnaval seguinte, ele estreou
sua arte na Avenida. Além de quatro
cavalos alados feitos em metal, Guaci
produziu um cisne com cinco metros

no mesmo carro alegórico. Mas não foi
só isso. Convocado depois pela Grande
Rio, assinou outra escultura de gran-
des proporções para a agremiação, “um
dragão que soltava fogo pelas ventas”.

Depois disso, nunca mais parou.
Guaci também tem passagens por Uni-
dos de Padre Miguel, Portela, Império
Serrano e Tijuca.

APRENDIZADOS

Algumas lições são memoráveis
para Guaci. Uma delas, aos 10 anos, o
levou a dirigir sozinho um Jeep do ir-
mão, Oswaldo André. Outra, das aulas
de Matemática, repete com maestria:
“o quadrado da hipotenusa é igual à
soma dos quadrados dos catetos”. Mas
foi o filho, Bruno Monsore, quem “tra-
duziu” a fórmula para o pai: “Um dia,
com muita calma e de um jeito mui-
to simples, me explicou que aquilo ali
estava relacionado a dimensões e pro-
porções. Nunca mais repeti aquela coi-
sa de ‘aprendi à toa. Não teve impacto
na minha vida’”, diverte-se Guaci antes
de emendar: “Sabia que a medida do
nosso corpo equivale à da nossa cabe-
ça multiplicada por 7,5?”.

Está aí, então, uma infor-
mação que faz diferença. Com
ela, o artista plástico consegue criar
um anjo de quase um metro e meio fei-
to com 8,6 mil pregos. E é graças a pro-
fundo conhecimento sobre Anatomia
- pesquisando e vasculhando so-
bre o assunto por conta pró-
pria - que reproduz linhas e curvas
do corpo sem entortar uma peça se-
quer da matéria-prima.

NADA POR ACASO

Com Guaci, diferentes ver-
tentes de espiritualidade literalmente
se materializam - em arte. O tal anjo
anatomicamente factível - mesmo que
composto por pregos totalmente retos
- é um exemplo nada isolado disso. No
início de Junho, por exemplo, o artista
plástico enviou quatro esculturas gigan-
tes para o Rio Grande do Sul. As peças,
em ferro pintado, representavam Orixás
com quatro metros de altura e passa-
ram a compor um portfólio já exten-
so do carioca-radicado-em-Minas. “Na
verdade, três peças são muito recorre-
ntes aqui, além dos Orixás: o Rosto de
Cristo, esculturas de São Jorge e bus-

O SAMBA-ENREDO

Quando a Viradouro en-
cerrou o desfile das campeãs,
em 18 de Fevereiro, Guaci mal
tinha voz para entoar *Arro-
boboi, Dangbé*, o samba-en-
redo de 2024. Não faltava,
porém, energia para comer-
morar. Dançando na lateral
da Sapucaí - e com um de
seus protótipos nas mãos -,
ele festejou a vitória da Ver-
melho e Branca enquanto,
na arquibancada, o público
vibrava junto.

Também pudera. Alçada
ao título máximo do Carna-
val carioca, a agremiação de
Niterói praticamente gabari-
tou os critérios avaliados pe-
lo júri. A bem da verdade, só
não houve 10 em Alegorias;
Mestre-Sala e Porta-Bandeira;
e Enredo - critérios nos quais
as notas ficaram em 9,9.

Números e êxtase que
provam, definitivamente, o
banquete de arte, tradição,
exaltação à cultura negra e
ousadia servido pela Viradou-
ro. Partindo do culto à Cobra
Sagrada em Dahomé (atual
República do Benin) e enal-
tecendo a história de suas
sacerdotisas guerreiras, a Ver-
melho e Branca construiu o
contexto perfeito para ho-
menagear Ludovina Pessoa,
mulher negra e descendente
dessa linhagem que foi escr-
vizada e trazida ao Brasil no
Século XVIII.

Aqui, fundou importantes
templos como o Terreiro do
Bogum e a Roça do Ventura.
O primeiro é citado, histori-
camente, como espaço para o
fortalecimento do movimen-
to abolicionista. O segundo,
não menos importante, foi re-
conhecido em 2014 como Pa-
trimônio Histórico Nacional.



tos indígenas”, conta. E estão aí uma série de conexões místicas.

O semblante de Jesus coroado e resiliente, mesmo sofrendo a Paixão, remonta à primeira obra de Guaci no final dos anos 1990, transitando do vitrinista de sucesso para o ousado escultor que sempre quis ser. Já São Jorge é referenciado como Ogum no sincretismo das religiões afro-brasileiras - e é justamente o orixá protetor dos artesãos e ferreiros. Já o indígena... bem... “Nasci ao som do canto de um, não é?”, lembra.

De acasos, mesmo, só foi feita sua história de amor com Alessandra Araújo - ou nem tanto assim. “Fui ao mercado com um tio, ainda no Rio de Janeiro. Lá, avistei de longe uma morena bonita, saboreando um biscoito. Pedi um pedaço, ela deu, e começamos a conversar. Quando chegamos à fila do caixa, dei a ela meu número de telefone e disse que esperaria pela ligação dela. Acontece que dois dias depois roubaram meu carro - e dentro dele estava justamente meu celular”, ri encabulado.

O automóvel foi localizado uma semana depois, sem o aparelho. “Então comprei outro e fiz a migração do meu número. Não demorou pra receber um telefonema - e era justamente da Alessandra, por algum motivo entrando em contato pela primeira vez. Se tivesse ligado de imediato, logo que nos conhecemos, teríamos nos desencontrado. Ainda bem que demorou”, analisa. Hoje, são 24 anos de parceria na vida e na arte. Aliás, a quem interessar possa: para Alessandra nenhum sonho de Guaci é “devaneio”.

NAS MINAS GERAIS

Guaci pode não ter mudado de DDD. Mas o CEP é outro há exatos cinco anos, desde que desembarcou com mala, cuia e ferramentas em São João del-Rei. Se por um lado a mudança é relativamente recente; por outro sua história com Minas Gerais é bem mais antiga - e vem também de “outros Carnavais”. “Em 1978 passei a folia em Juiz de Fora. Depois, nos anos 1990, vim visitar meu pai em Barroso e conheci melhor o Campo das Vertentes. Também

passei por aqui a negócios, vendendo minha arte em Tiradentes um tempo depois”, se recorda. De todas essas viagens em momentos diferentes, houve algo em comum: a sensação de paz e tranquilidade.

Não foi difícil, então, trocar o Rio de Janeiro por MG. Hoje, é neste canto do mapa em que cria suas peças - e é daqui que elas partem para diferentes partes do país ou do mundo, já que há obras assinadas por Guaci inclusive na Alemanha e na França.

ENERGIAS

Para Guaci, toda matéria é *prima* (primeira, original) em todos os sentidos. “Não uso reciclados aqui. Todas as obras são compostas por chapas novas”, explica sem demonstrar qualquer tipo de preciosismo nisso. Ao contrário, o que manifesta é fé. “Acredito que há energia em tudo o que tocamos - e que a absorvemos. Então não faz sentido, pra mim, resgatar uma placa do lixo e mandar para a casa de alguém. Tudo isso porque não sei, de fato, a história por trás daquele material. Veio de um carro velho? Mas e se ele foi roubado? E se esteve envolvido em um acidente? E se alguém sofreu ou morreu ali dentro? Não é, nem de longe, o que quero levar a quem gosta da minha arte”, complementa.

Assim, garante Guaci, tão nobres quanto os materiais que compõem suas peças são os sentimentos imprimidos em cada milímetro do trabalho: “Coloco ali toda minha dedicação, boa vontade e amor. Quando termino a escultura, me despeço dela e levo ou envio para o novo lar desejando que faça a diferença para todo morador”, comenta enquanto se sente em casa no próprio ateliê, recostado a uma ponteadeira que o acompanha há mais de 20 anos. A máquina, que ele define como um “dos amores da vida”, solda superfícies com calor e pressão. Manuseada por Guaci, é ela então que dá forma a todos os projetos - dos protótipos que cabem na mão às obras gigantescas que desfilam na Sapucaí.

Há exemplos de todas elas ali, distribuídas de maneira bonita e aleatória ao redor de seu criador, entrevistado em pleno 19 de Março, Dia do Artesão. Foi esse, também, um acaso - e a prova de que Guaci é, além do Senhor dos Metais, o Senhor da Própria História. ▼



De tropeiro a caminhoneiro

 Dores de Campos



“Minha vida começou aos 12 anos de idade”, conta Anísio Ferreira erguendo o dedo indicador num movimento solene, simples e saudoso ao mesmo tempo. Aos 86 anos, ele é prova viva da História (com H maiúsculo) feita pelos tropeiros em Dores de Campos - além de um herói quase improvável da própria jornada. É ela, aliás, que ele faz questão de contar incluindo desde o trabalho pesado ainda na infância à “fuga” recente de um hospital. Tudo isso sem deixar de salpicar, entre um caso e outro, uma receita do verdadeiro e bom Feijão Tropeiro. “Pra você ver... Quando eu era criança, comia todo dia um prato que era tratado como resto - porque o patrão mesmo era convidado às mesas das fazendas. Hoje, aquela mistura toda tem até em restaurante”, ri. E suspira.

Didico, como é conhecido, é uma figura interessante em diferentes camadas. Isso porque narra a própria biografia com a leveza de um homem feliz sem esconder as frustrações de quem viu suor e lágrimas escorrendo no mesmo rosto.

De pobre menino “camarada” a forte e obstinado caminhoneiro; de adolescente proibido de namorar moças ricas a sortudo por viver um único, grande e “conturbado” amor. De quase solitário condutor de burros a pai presenteando os filhos com um... carneiro - que foi roubado e vendido.

Com a(s) palavra(s), Didico.

“VEJA O TAMANHO QUE EU TINHA, VEJA A IDADE QUE EU ERA...”

Dizer que a vida começou aos 12 anos não é metáfora para Ferreira. Nessa idade, sendo filho de pais recém-separados, se viu obrigado a trabalhar. “Naquela época não existia pensão. A gente precisava lutar sem nem ter tamanho de gente. Quando me ofereceram a vaga numa tropa, era só uma criança. Saí de casa magoado. Minha mãe, Malvina, ficou aos prantos e só dizia: ‘Não judiem dele. Cuidem do meu filho’”, conta Didico. Nessa hora, ele se emociona e faz uma pausa.

Ferreira foi o terceiro a nascer na família (depois dele, ainda vieram outros dois meninos e mais duas meninas). “Eram muitas bocas pra alimentar e pouco dinheiro pra pagar o armazém. Então quando meu primeiro patrão apareceu lá em casa, procurando mão-de-obra, soube que precisava ir com ele”, se recorda. O cenário ao redor do pequeno Didico, aliás, colaborava com a decisão.

Segundo o IBGE, metade da população brasileira era analfabeta em 1950, ano em que ele saiu de casa. A Educação “como um direito de todos” era, inclusive, algo recente, aparecendo pela primeira vez na Constituição de 1946. No mesmo ano, Josué de Castro lançou *Geografia da Fome*, atestando que ela “age não apenas sobre os corpos das vítimas, (...) mas também sobre seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta moral”.

Ferreira fazia parte de estatísticas mais amenas, quase em transição histórica - embora ainda vulneráveis. Na ver-

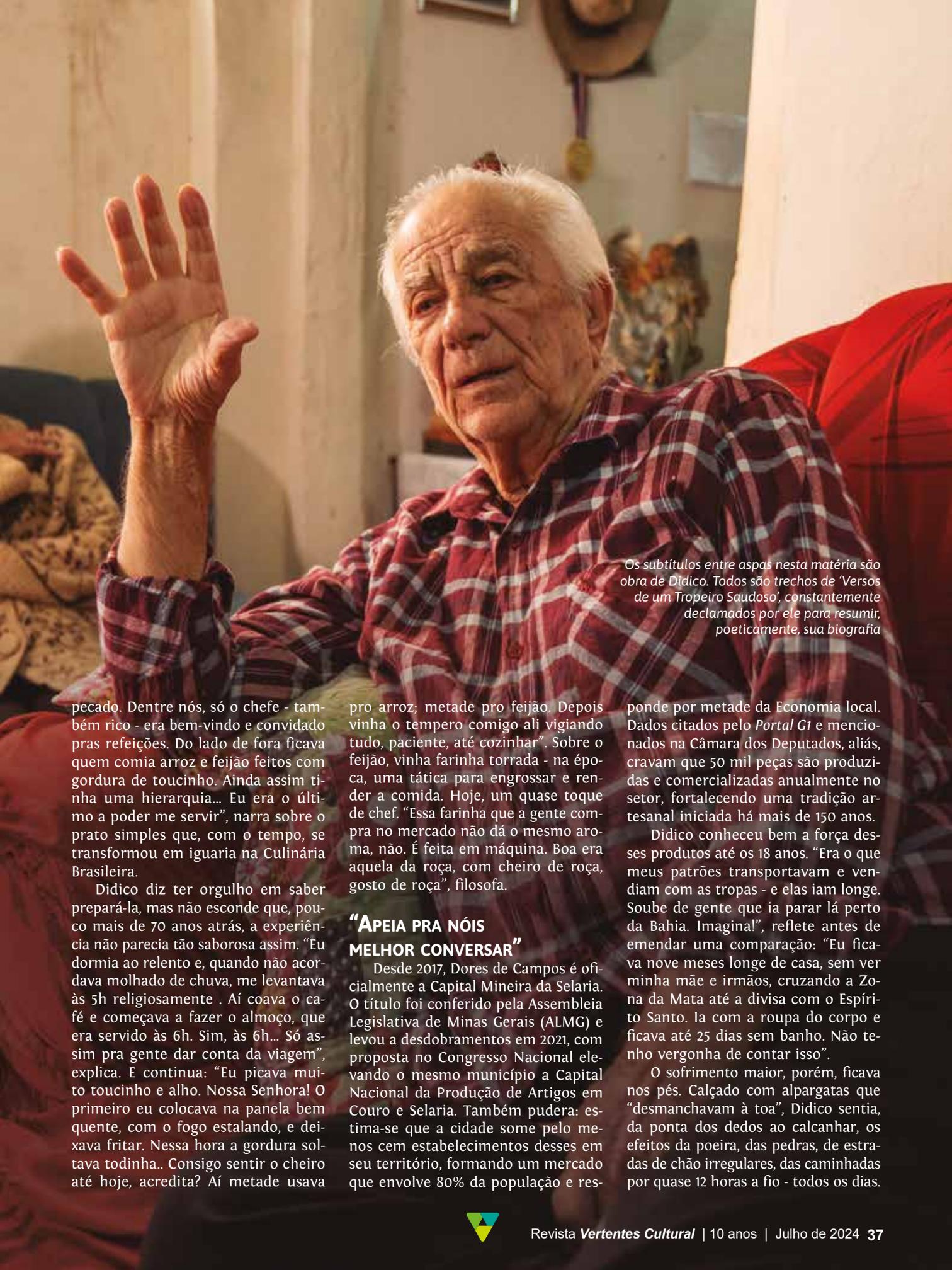
dade, o quarto ano da Educação Básica foi o limite de sua frequência escolar, algo justificado inclusive pela necessidade de escolher, sim, entre cadernos e pratos cheios. “Se a gente mal tinha dinheiro pra comer, imagina pra tirar diploma. O quinto ano era privilégio de rico”, analisa. Com isso, dali em diante, as lições vieram do mundo - ou de um pedaço bem específico dele.

“COM DESTINO A SÃO JULIÃO, TOCANDO DEZ BURROS, FAZENDO AQUELE POEIRÃO”

Ainda na metade do século passado, “frota” era uma palavra forte para definir a quantidade de automóveis em Dores de Campos - apenas seis, segundo Didico. “Tropas”, no entanto, não faltavam. Por isso não é exagero algum afirmar que lombos de animais transportaram comerciantes para mover a Economia dali. Há, no entanto, ressalvas.

O mesmo Didico contou, naquela época, mais de 200 comitivas de tropeiros no município, todas com formação parecida: o patrão montado a cavalo, que negociava mercadorias e recebia todo o dinheiro; o tropeiro de nome e ofício, que guiava dez burrinhos carregados; e o “camarada”. Didico assumia o papel deste último e acumulava tarefas. À pé, ele percorria 12 léguas (o equivalente a 60km) por dia e abria porteiras. Já nas fazendas - onde precisava se contentar, no máximo, com uma cobertura de amianto sobre a cabeça - também cozinhava. “Como o pobre não tinha vez e nem lugar, entrar na casa de qualquer fazendeiro era um





Os subtítulos entre aspas nesta matéria são obra de Didico. Todos são trechos de 'Versos de um Tropeiro Saudoso', constantemente declamados por ele para resumir, poeticamente, sua biografia

pecado. Dentre nós, só o chefe - também rico - era bem-vindo e convidado pras refeições. Do lado de fora ficava quem comia arroz e feijão feitos com gordura de toucinho. Ainda assim tinha uma hierarquia... Eu era o último a poder me servir", narra sobre o prato simples que, com o tempo, se transformou em iguaria na Culinária Brasileira.

Didico diz ter orgulho em saber prepará-la, mas não esconde que, pouco mais de 70 anos atrás, a experiência não parecia tão saborosa assim. "Eu dormia ao relento e, quando não acordava molhado de chuva, me levantava às 5h religiosamente. Aí coava o café e começava a fazer o almoço, que era servido às 6h. Sim, às 6h... Só assim pra gente dar conta da viagem", explica. E continua: "Eu picava muito toucinho e alho. Nossa Senhora! O primeiro eu colocava na panela bem quente, com o fogo estalando, e deixava fritar. Nessa hora a gordura soltava todinha.. Consigo sentir o cheiro até hoje, acredita? Aí metade usava

pro arroz; metade pro feijão. Depois vinha o tempero comigo ali vigiando tudo, paciente, até cozinhar". Sobre o feijão, vinha farinha torrada - na época, uma tática para engrossar e render a comida. Hoje, um quase toque de chef. "Essa farinha que a gente compra no mercado não dá o mesmo aroma, não. É feita em máquina. Boa era aquela da roça, com cheiro de roça, gosto de roça", filosofa.

"APEIA PRA NÓS MELHOR CONVERSAR"

Desde 2017, Dolores de Campos é oficialmente a Capital Mineira da Selaria. O título foi conferido pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) e levou a desdobramentos em 2021, com proposta no Congresso Nacional elevando o mesmo município a Capital Nacional da Produção de Artigos em Couro e Selaria. Também pudera: estima-se que a cidade some pelo menos cem estabelecimentos desses em seu território, formando um mercado que envolve 80% da população e res-

ponde por metade da Economia local. Dados citados pelo *Portal G1* e mencionados na Câmara dos Deputados, aliás, cravam que 50 mil peças são produzidas e comercializadas anualmente no setor, fortalecendo uma tradição artesanal iniciada há mais de 150 anos.

Didico conheceu bem a força desses produtos até os 18 anos. "Era o que meus patrões transportavam e vendiam com as tropas - e elas iam longe. Soube de gente que ia parar lá perto da Bahia. Imagina!", reflete antes de emendar uma comparação: "Eu ficava nove meses longe de casa, sem ver minha mãe e irmãos, cruzando a Zona da Mata até a divisa com o Espírito Santo. Ia com a roupa do corpo e ficava até 25 dias sem banho. Não tenho vergonha de contar isso".

O sofrimento maior, porém, ficava nos pés. Calçado com alpargatas que "desmanchavam à toa", Didico sentia, da ponta dos dedos ao calcanhar, os efeitos da poeira, das pedras, de estradas de chão irregulares, das caminhadas por quase 12 horas a fio - todos os dias.



“Não coloquei a mão em qualquer pagamento até os 18 anos. Antes disso, quem recebia era minha mãe. E ela já saía correndo pra pagar o armazém. Eu me sentia orgulhoso, sabe? No meu coração eu sabia que era ‘o homem da casa’ e estava fazendo o bem por ela, pelos irmãos. Mas sofri muito”, revela.

Encontrar o amor, inclusive, não foi fácil pra ele. Sem falsa modéstia e exibindo uma foto antiga, em preto e branco, Didico conta que “na época tinha a beleza de um galãzinho”. A aparência e a dedicação ao trabalho, porém, não o poupavam do preconceito. “As moças, filhas de fazendeiros, me achavam bonito”, ri enquanto observa, com o canto do olho, a esposa Terezinha. “Mas era só alguém descobrir que não passava de um camarada pra elas serem trancadas dentro de casa. Nem um copo d’água podiam me dar - muito menos conversar”, lamenta. “Cartaz eu tinha. Só não tinha chance”, emenda gargalhando enquanto Terezinha resmunga e ameaça, também marota, acertar uma chinelada nele.

“VÊ O DESTINO COMO É TRAIÇOEIRO... LARGUEI DE SER TROPEIRO PRA SER CAMINHONEIRO”

Muita coisa começou a mudar quando, aos 18 anos, Didico deixou a terra natal. A vida nas tropas ficou pra trás às vésperas da década de 1960, de fato. Mas a sina com as estradas... não.

Recém-chegado a São José dos Campos (SP), o mineiro foi contratado como motorista em uma empresa de ônibus local. “Tudo o que pude aprender na vida, aprendi. Inclusive a dirigir. Graças a Deus”, confessa. Ao longo de três anos, Didico comandou uma linha que ligava São José a Aparecida do Norte. Depois, foram outros dois dirigindo também para a capital, São Paulo. Não demorou a querer empreender por conta própria. “Juntei dinheiro e comprei um carro. Por algum motivo, o

prefeito de São José dos Campos gostou de mim e consegui um ponto. Virei taxista, acredita? Mas acho que no fundo me sentia meio preso. Precisava de distâncias maiores. Aí em 1979 vendi tudo e comprei um caminhão”, revela com os olhos brilhando.

Áquela altura, Didico já era um homem casado com Terezinha Ferreira, jovem que conheceu em Dores de Campos durante alguns dias de folga. Descanso nessa história, porém, não houve. “Eu namorei muita moça bonita. Mas ela travou eu”, diz apaixonado. O pai dela é que não se convenceu disso. “Ele também foi tropeiro, mas não teve solidariedade nenhuma. Me achava pobre, me chamava de pobre e me menosprezava por isso”, lembra Didico. A solução (nada aconselhável) dos dois foi fugir. Terezinha se escondeu com uma cunhada enquanto o futuro marido retornou a São José dos Campos. O objetivo era um só: seguir trabalhando e fazer alguma poupança para o casório. Deu certo.

Do romance complicado vieram 7 filhos; 12 netos, 6 bisnetos e muita peleja.



PÉ NA ESTRADA, CORÇÃO EM CASA

Sobre rodas, o tempo na estrada era menor para Didico - embora não fosse pouco. Onde havia carga e frete disponível, confessa, havia vontade de trabalhar - mesmo que precisasse permanecer 15 dias fora de casa. Numa viagem, transportava parafina; em outra,

materiais de construção. A variedade de encomendas era tão grande que ia de laranjas a peças para uma torre industrial. Todas entregues com sucesso em seu destino.

O sacrifício, na verdade, tinha um motivo: quitar a casa onde a família Ferreira morava, em São José. "A gente vive dizendo que 'pra morrer basta estar vivo', mas não pensa no significado verdadeiro disso até ter esposa e filhos te esperando. Eu sabia que Deus poderia me levar embora num acidente. A estrada tem muitos riscos... Mas sempre pedia misericórdia e pra esperar mais um pouco até garantir um teto pra eles", se emociona. As prestações do imóvel se arrastaram por 7 anos, mas o trabalho no trecho, para Didico, foi maior, durante 35 anos.

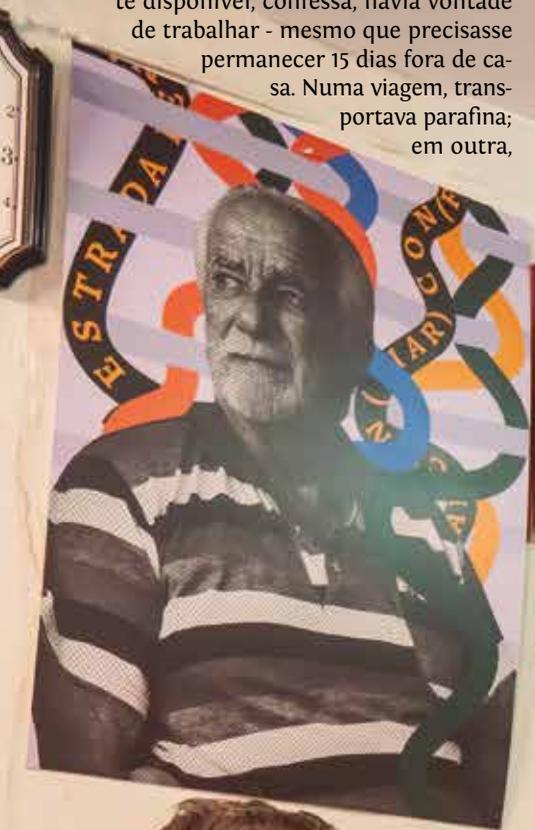
Poucos testemunharam todo esse trajeto (com direito a troca-dilho) como Geraldo Ferreira, primogênito de Terezinha e Didico. "Olha... Me recuso a dizer que sou o filho mais velho. Sou só o que nasceu primeiro", se diverte. A exemplo do pai, ele também ganha a vida atrás do

volante e cruzando o asfalto - com orgulho e memórias afetivas.

"Não digo que foi fácil. Meu pai batalhava nas rodovias enquanto minha mãe batalhava, muito, em casa também. Nem sempre a gente celebrava o Natal ou nossos aniversários na data certa. Mas a verdade é que todo dia era festa quando estávamos juntos. E mesmo pequenos tanto eu quanto meus irmãos sabíamos: tudo aquilo tinha a ver com amor", atesta Geraldo.

Das lembranças mais marcantes, aliás, uma chega a ser inusitada: "Um belo dia Seu Didico voltou pra casa trazendo um carneiro. Meu Deus! Nós pulamos, gritamos e comemoramos demais por aquele bichinho que, de fato, virou nosso animal de estimação. A gente saía pra comprar um pãozinho e ele ia junto pra padaria", diz.

O carneiro, na verdade, era recém-nascido; e acabou se perdendo numa beira de estrada prestes a ser atropelado. Didico o salvou da tragédia naquele dia, mas o bichinho não teve um final muito feliz: "Uma pessoa do nosso entorno vendeu o carneiro sem nosso consentimento e ele foi pro abate", conta respirando fundo. Aquela não foi a única perda da família num movimento rasteiro. A casa onde Didico, Terezinha e os sete filhos moraram - a mesma que demorou sete anos pra ser quitada - também foi tomada de modo traiçoeiro.



LIÇÕES

Seu Didico tem um protesto a fazer. Para ele, é injusto chamar de “burro” quem, digamos, tem a inteligência questionada. “Convivi muitos anos com esses bichos e eles são inteligentíssimos. Mais racionais que gente”, atesta o ex-tropeiro.

Nas viagens, conta, os burros que carregavam mercadorias sabiam bem seu lugar e sequer tentavam ultrapassar uns aos outros. A marcha, estradas afora, era cadenciada e paciente, ao ritmo do animal-guia com guizos no peitoral. O mais impressionante para Didico, porém, era a memória dos muares. “Se passasse por uma estrada hoje, eles se recordavam dela e refaziam o mesmo trajeto três meses depois, sem erros”, conta admirado.

Essa percepção, aliás, pode ter ensinado lições a ele. “Nunca esqueci de onde vim e sempre soube onde queria chegar: numa vida melhor. Acho

que consegui”, avalia estendendo uma das mãos para Terezinha, a quem chama de “santa”.

Companheiros há 66 anos, eles contam que jamais discutiram um com o outro e que a história de amor controversa valeu, sim, a pena. “Até hoje eles se despedem com carinho antes de dormir. Pra mim, é uma inspiração e uma benção”, comenta outra filha, Jane Ferreira. “Ué, acharam que eu fugiria de casa à toa? Eu, hein?”, brinca Dona Terezinha.

APOSENTADORIA, CASA NOVA E FUGA

Didico se aposentou aos 65 anos e, só aí, voltou definitivamente para Dores de Campos. “Matei a saudade das minhas raízes; mas fiz nascer a da minha liberdade. Daria tudo pra ainda ter forças de dirigir, trabalhar. Como não tenho, peço ao Senhor pra me levar. Já fiz o que precisava aqui

na Terra”, dispara.

Essa resiliência, porém, foi colocada à prova quando sofreu um infarto. “Meu pai foi internado e, sem receber alta médica, cismou de deixar o hospital. Teimou, bateu o pé, argumentou, ficou bravo e acabou indo embora. Caiu praticamente morto na porta de casa e precisou voltar”, conta Geraldo, o primogênito, enquanto Didico resmungava que “faria tudo de novo”.

Os dois riem enquanto Dona Terezinha repreende o marido. “Deixa de bobagem, homem! Vai ter coragem de me deixar aqui?”. Didico não responde e a abraça. Não demora pra que comecem a conversar sobre o almoço e, numa nova virada de assuntos, comentem desde as profissões dos netos até a construção de um banheiro nada convencional certa vez.

Para gente como Didico, a vida é de fato uma (bonita e corajosa) viagem. ▼



TROPEIRISMO(s)

“Se é pra falar sobre os tropeiros eu vou a qualquer lugar”, diz o educador, historiador e pesquisador Helbert José Aliani Silva. E não há por que duvidar. Na verdade, movimento e trânsito fazem parte tanto de sua essência quanto de uma conclusão interessante: “As bases da Economia Nacional estão sobre quatro patas. E falo isso envolvendo desde o Período Colonial. Na verdade a História Brasileira é atravessada por vários Tropeirismos”, clarifica.

Num artigo compartilhado com a *Vertentes Cultural*, Silva menciona por exemplo, “tropeiros e/ou muleiros” negociando animais no Sul e Sudeste do país – além daqueles que movimentaram o Ciclo do Ouro no Século XVIII.

Não são, porém, suas pautas favoritas. “Não se leva em conta e nem se dá a devida importância aos tropeiros das rotas alternativas, (...) mais particularmente, na cidade de Dolores de Campos”, alerta. Daí ter pesquisa-

do sobre o fenômeno dorense incluindo, em sua metodologia, entrevistas com tropeiros tradicionais da cidade. Até porque, lembra, o Tropeirismo local (iniciado com o advento das selarias, em 1830) se estendeu “até as oito primeiras décadas do Século XX”.

A própria história de Seu Didico é prova disso. Quando comenta sobre os nove meses em que perambulava nas tropas, o relato coincide com as percepções e Silva ao compilar conversas com outros dorenenses. “Existem casos em que tropeiros ficaram fora de casa até um ano ou dois anos”, escreve.

Era nesses períodos, comercializando principalmente peças em couro e acessórios para montaria, que fixavam as bases da hoje Economia forte e pujante em Dolores de Campos – desenvolvida, aliás, às margens da Estrada Real. Séculos atrás, isso aconteceu pela ausência de Ouro no território. Hoje, a diferenciação se dá pelo fator “Turismo” – que se destaca em localidades vizinhas como São João del-Rei

ou Tiradentes.

A derrocada do Tropeirismo se deu vagarosamente ao longo da própria História, sofrendo fortes influências tanto da expansão ferroviária quanto, definitivamente, da abertura efusiva de estradas de rodagem nos anos 1950 e 1960 – auge da Campanha Nacional Desenvolvimentista de Juscelino Kubistchek. Ainda assim, Helbert Silva faz notas importantes. Segundo ele, o modo tropeiro de viver pode ter sido, na verdade, transformado – em vez de extinto. “O desafio de sair por caminhos, trilhas e rotas num lombo de burro ou de mula está representado, agora, em quem dirige automotores por estradas asfaltadas. Isto é, naqueles que comercializam produtos similares aos que pais, avôs ou bisavôs negociavam enquanto tropeiros. Esse fato, por si só, pode ser considerado uma herança econômica, social e cultural; uma representação do passado que se mostra mais forte do que nunca”, diz.



O Santo Padre

Em Nazareno, há mais de sete décadas, devotos rezam por Cônego Heitor. Desde então, histórias de graças alcançadas com sua intercessão se espalham pelas ruas, nas igrejas e no cemitério onde jorra uma água misteriosa

 Nazareno



A cena foi registrada em vídeo. Emocionado e até um pouco debilitado, Lúcio Trindade usa parte de sua energia pra tocar um sino na Santa Casa de São João del-Rei. Ali, mais especificamente no Setor de Oncologia, aquele é o som da vitória contra o Câncer - mas não ecoou sozinho. Dos bolsos, Trindade saca resiliente uma garrafinha de plástico, com alguns mililitros de água. É aí que, ainda tremendo, anuncia: aquele foi seu remédio.

A 53km dali, o pedreiro José Teixeira de Magalhães, o Zezão, diz quase o mesmo. Dessa vez, porém, a cura foi outra: de dores incapacitantes no joelho. “Não tenho vergonha de dizer que entrei aqui chorando”, conta em referência ao Cemitério Paroquial de Nossa Senhora de Nazaré, em Nazareno. Ali um túmulo de granito preto, ornado com uma imagem de Cristo, é constantemente visitado. São fiéis que rezam pelo homem cuja foto estampa a lápide e com sorte - ou fé - conseguem extrair dela um pouco de água.

Ninguém explica como o líquido vaza ou até jorra daquele canto. Mas esse chega a ser um mero detalhe perto da devoção testemunhada no lugar.

Desde Outubro de 1955 está enterrado ali Heitor Augusto da Trindade, o Cônego Heitor - religioso que, a depender da aclamação popular, já esta-

ria nos altares. “No meu coração ele já é santo”, confessa Neuza Alves. E o “coração” na frase não é “modo de dizer”. Por duas vezes, Neuza entrou às pressas em salas de cirurgia para substituir válvulas cardíacas. Em 2015, o problema foi outro: um aneurisma no mesmo órgão. Nenhum episódio, no entanto, se comparou ao que viveu em 2021. Entre embates com Planos de Saúde, uma “verdadeira *Via Crucis*” (como ela mesma chama) no eixo São Paulo-Belo Horizonte e agravamento do quadro clínico, Neuza viveu exatos 40 dias de terror. Treze deles passou em coma e desenganaada pelos médicos. “Disseram pra minha irmã se preparar porque não havia mais nada a fazer por mim. Ela respondeu, então, que aquela era a ‘licença pra Deus agir””, narra.

Ao mesmo tempo, um grupo de orações também se mobilizou em Nazareno - e nenhum detalhe aqui parece mera coincidência. Desde 2016, devotos de Cônego Heitor rezam mistérios do Santo Rosário em honra à alma dele e em prol de sua beatificação pela Igreja Católica. Em 2021, a história de Neuza chegou aos fiéis, que a incluíram nas orações. Era 8 de Outubro, data em que a população homenageia com ainda mais fervor a memória do religioso.

Neuza, então, fez mais do que acordar: ela nasceu de novo e ouviu, no hos-

pital, que aquele foi um milagre.

TESTEMUNHOS

A história de Neuza não é a única na “Sala do Santo Rosario”, espaço virtual em que cerca de 15 pessoas de diferentes cidades se encontram, diariamente, para rezar, trocar testemunhos e fortalecer a fé enquanto clamam pela beatificação de Cônego Heitor - isto é, pelo reconhecimento de suas virtudes pela Santa Sé, permitindo oficialmente seu culto e veneração em espaços específicos. Motivos, aliás, não faltam. Todos os membros revelam graças alcançadas por intercessão do religioso. E elas não são pequenas. “Fui salvo”, “estava no fundo do poço” e “não havia esperança” são frases recorrentes nos relatos, compartilhados com nossa reportagem numa das reuniões online.

São transformações sociais, espirituais, emocionais e físicas como a de Maria Rosa Ribeiro, adolescente de 14 anos diagnosticada com Síndrome de Cushing. Dos sintomas, os piores foram dores de cabeça “absurdas”, como a jovem classifica. “Tive apagões, episódios em que perdi a lucidez. Noutro deixei de reconhecer meus pais”, explica. “Pedi ao Cônego Heitor que me ajudasse, recorresse a Deus por mim. Desde então a vida mudou e faço questão de agradecer”, acrescenta.



ÁGUA

Heitor Augusto da Trindade nasceu em 1867 em São João del-Rei. Aos 26 anos foi ordenado sacerdote e logo seguiu para Nazareno, nomeado como vigário da paróquia local. De 1893 em diante, histórias envolvendo seu nome nunca mais pararam de surgir. E sim, isso significa que seus feitos extraordinários aconteceram ainda em vida.

Na cidade se fala, por exemplo, sobre um “remédio contra a embriaguez” que teria livrado muitos cristãos do alcoolismo. Ninguém sabe como era feito e muito menos que ingredientes levava a fórmula. Mas fato é que antecedeu a famosa água que, hoje, jorra de seu túmulo.

Em Nazareno, aliás, não é estranho quando visitantes deixam o Cemitério Paroquial de Nossa Senhora de Nazaré portando seringas cheias de líquido ou chumaços de algodão umedecidos. “Tem muitas graças ali”, acredita José Teixeira de Magalhães, o Zezão, aos 61 anos.

Pedreiro a serviço do município, ele ajuda na construção de sepulturas locais e, por isso, coleciona relatos de quem credita diferentes bençãos a Cônego Heitor. “Todo dia tem gente rezando ali por ele, chorando, agradecendo, trazendo flores ou placas, sabe? De vez em quando alguém conversa, conta o que aconteceu. Mas eu mesmo sou uma testemunha viva da santidade desse padre”, frisa. “Arrumei uma manqueira danada por causa do joelho direito. Não dormia, não trabalhava, não vivia direito. Eu virei um pedaço de carne com dor”, se recorda. Após uma ressonância que “custou o olho da cara”, Zezão foi encaminhado para um processo cirúrgico. “Não queria operar. Tinha riscos, fiquei com medo de sequelas. Aí vim aqui correndo implorar ajuda pro Cônego Heitor. Esfreguei um pouquinho da água em mim e, quando deixei o cemitério, já estava melhor. Não precisei de bisturi”, garante.

O amigo dele, Claudiney Freitas, sacode a cabeça em confirmação. “Quando criança eu caí e machuquei feio uma parte da perna. A ferida ficou um ano aberta sem cicatrizar. Aí pedi socorro ao Cônego e recorri à água. De repente senti uma coisa escorrendo canela abaixo. Era pus. Dali em diante a infecção me deixou em paz. Nenhum antibiótico tinha conseguido fazer aquilo por mim”, defende.

Nem todo mundo, porém, tem essa sorte. A água (benta por natureza) não jorra sempre. Para uns, é dádiva restrita a quem tem muita fé. Para outros, um sinal de que algo prodigioso realmente acontece ali. “Nunca consegui tirar uma gota do túmulo”, conta Maria José Freire, também devota. “Antes eu me sentia frustrada por isso. Hoje vejo como algo bonito, misterioso; uma coisa de Deus mesmo. Não há uma torneira, uma fonte, nada perene ali. Há o inexplicável”.



COMOÇÃO

“Em 1933 surgiu em Nazareno uma onda política nefasta. A vítima desse movimento foi Cônego Heitor que, depois de muitos dissabores, foi transferido para Ouro Preto”, conta Ana Flausina da Trindade Nacif, a Dona Anita, num compilado biográfico escrito nos anos 1990. Segundo ela, o religioso vinha pelejando, há anos, por melhorias urbanas na Comunidade. Um desses esforços teria levado, décadas mais tarde, à chegada da Cemig ao município. Fato é que seus posicionamentos não agradaram alas partidárias locais. Daí sua mudança para outra cidade. Um ano depois, em 1934, Cônego Heitor voltou a Nazareno sob forte comoção, apelo e festa popular.

“Ele era um servo do Senhor como poucos. Não importava se você fosse branco, preto, colorido, inteiro, pela metade. O Cônego Heitor via em você humanidade e se importava com ela. Ouvia todo mundo, rezava por todo mundo - e isso incluía os bichos. Quando rebanhos começaram a morrer nas roças de Nazareno, ele montou num burro e visitou uma a uma, benzendo

tudo quanto era animalzinho”, se recorda José Roberto Teixeira.

Visitado pela reportagem da *Vertentes Cultural*, ele se disse indisposto e sem tempo ao atender a porta. Segundos depois, quando ouviu se tratar de uma reportagem sobre Cônego Heitor, sorriu e convidou a equipe para entrar. “Sobre ele falo o dia inteiro”, garantiu.

José Roberto também coletou, em cadernos, relatos de ajuda material, socorro espiritual e mesmo curas associadas à intervenção do religioso. Mas algo mais o impressiona: “A humildade dele. Lembro da batina surrada, do quanto aceitava comida de bom grado e compartilhava também. O Cônego Heitor era visitado por gente de tudo quanto era canto. Uma vez devotos de Nossa Senhora de Nazaré chegaram aqui, o procuraram. Era hora do almoço, ele ficou comovido e convidou mais aquele tanto de filho de Deus pra comer com ele. Acontece que só havia refeição pra dois ou três na Casa Paroquial”, gargalha José Roberto.

O que se conta é que a cozinheira do lugar, nervosa, tentou alertá-lo sobre o problema. Em resposta, ouviu que “Deus cuidaria de tudo”. Ao todo, quase 20 pessoas teriam se servido, almoçado, ficado satisfeitas e partido. Nas panelas sobrou comida. “Se você não acredita que ele era santo, pode acreditar que foi alguém diferenciado. É ser humano assim que fez e faz falta. Quando morreu não ficou um olho sem chorar nessa cidade”, pontua.

NOMES

A sensação, em Nazareno, é de que todo mundo tem uma graça creditada ao religioso. Talvez por isso se diga, por lá, que toda família tem pelo menos “um Heitor” em homenagem ao Cônego.

O Cartório local foi procurado, mas informou que conteúdos como esse se submetem à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por outro lado, dá algumas pistas.

Com base no Censo, o levantamento *Nomes do Brasil* aponta 50 cidadãos registrados como Heitor entre os 8,1 mil nazarenenses. Na ponta do lápis, uma em cada 162 pessoas pode fazer referência ao religioso na Certidão de Nascimento. Pode parecer pouco, mas valem algumas comparações. Em São João del-Rei, com 90,4 mil habitantes, há 28 “Heitores”; número superior aos 13 identificados na ainda mais populosa Barbacena.

O mapeamento do IBGE não considera “nomes do meio”. Assim, composições como José Heitor, por exemplo, não entram nas estatísticas (que podem então ser maiores). Outro dado é importante aqui: ainda de acordo com o instituto, o número de xarás do Cônego cresceu a partir de 1960 - isto é, cinco anos após sua morte.



A BATINA

O Campo das Vertentes tem duas quase santas. Em Maio de 2013, a Igreja Católica beatificou Francisca de Paula de Jesus, a Nhá Chica, nascida na Comunidade de Rio das Mortes, em São João del-Rei. Nove anos depois, em 2022, foi a vez de Isabel Cristina, de Barbacena, receber o mesmo título.

Por enquanto não há um processo parecido, no Vaticano, contemplando Cônego Heitor. Mas a devoção ao religioso como intercessor divino segue forte. Em Nazareno, aliás, pedaços de sua batina são tratados como relíquias. Para a família, compartilhá-los com quem precisa de socorro e auxílio representa solidariedade; para quem tem fé, uma conexão simbólica com quem está mais perto de Deus.

“Quando ele morreu eu tinha um ano. Mas dizem que gostava de balançar um bercinho em que eu ficava com o pé. Era uma forma carinhosa de ninar, cuidar de mim”, conta Maria de Fátima Nacif, sobrinha do Cônego Heitor. Coube a ela, então, continuar com um propósito da mãe, Ana Nacif (a Dona Anita). “Muita gente a procurava pedindo lembranças do Tio Heitor. Foi aí que passou a compartilhar os pedacinhos de tecido - algo que sigo fazendo. Essa batina é cortada há 69 anos”, diz apontando para fragmentos guardados numa caixinha de madeira.

O irmão, Jorge Ney Nacif, se emociona. Ele era uma criança de 5 anos quando se despediu de Cônego Heitor. “É curioso porque não me recordo muito dele. Estava na fazenda quando faleceu e também não guardo lembranças. Por outro lado, sinto que carrego uma bagagem aqui no peito. Sempre que ouço uma história sobre o Tio Heitor, mesmo que repetida, o coração bate diferente. Não sei se consigo dar nome ao que sinto. Pode ser saudade, pode ser um chamado pra ser melhor, seguir seu exemplo; pode ser a sensação de que minha fé é pequena perto das outras pessoas. O que ele foi, fez e representa é grande demais pra minha humanidade falha”, tenta definir com lágrimas nos olhos.

Cenas assim não são incomuns em Nazareno. Da mesma forma, relatos com esse teor também se repetem. Seja nas ruas da cidade, em conversas no grupo de orações online, ou em áudios que nossa reportagem recebeu nos últimos meses, o que mais se ouve são



vozes embargadas. Todas motivadas por histórias que incluem casamentos transformados; gestações de risco com nascimentos saudáveis; movimentos do corpo restaurados após acidentes. Já entre os que conheceram ou conviveram com Cônego Heitor o foco incide justamente numa humanidade sobre-humana, por assim dizer. Dona Judith Teixeira (esposa do senhor José Roberto), fala abertamente sobre isso. Nos textos escritos por Ana Nacif, aliás, também há depoimentos dela. “Para nós, as portas da Igreja e da Casa Paroquial estavam sempre abertas. O coração do Cônego Heitor estava sempre aberto. Porque quem quer que o procurasse recebia uma oração, um conselho

ou ensinamento com amor mesmo”, se recorda.

Ainda hoje, há quem descreva essas características no religioso. Quando nossa equipe fotografava o túmulo dele, uma jovem atravessou o portão do Cemitério apressada e se dirigiu até lá. Só se acalmou em frente ao jazigo, onde rezou por alguns minutos. Sem querer ser identificada, disse que deve “quase tudo na vida ao Cônego”, a quem recorre pedindo orientações. “É como se eu realmente dialogasse com ele. Numa noite eu entrego as aflições, conto tudo o que preciso. Aí na manhã seguinte, quando acordo, parece que as respostas foram sussurradas pra mim. Hoje foi assim e por isso vim agradecer”, pontua.



NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

A fé está no brasão de Nazareno. No lado direito do escudo, carregando o Filho no colo, está a padroeira do município e da Igreja Matriz, Nossa Senhora de Nazaré, celebrada sempre em 8 de Setembro. Na Comunidade, aliás, é unânime o entendimento de que a devoção à Mãe de Jesus foi fortemente propagada por Cônego Heitor. “Onde quer que fosse ele levava uma medalhinha. Numa das ocasiões, presenteou dois engenheiros que passaram pela cidade e eles aceitaram a lembrança, mesmo seguindo outra religião. Para surpresa de muita gente, um desses homens esteve no velório do Cônego Heitor e confessou que sempre carregava a medalha consigo. Disse sentir que, apesar da diferença de crenças, havia bondade nas intenções do Cônego”, relata Maria do Carmo Nacif, esposa de Jorge Ney.

Essa história ecoa em outra, compartilhada pela educadora e revisora de textos Doraci Vilela. Você, leitor, deve se recordar que há alguns parágrafos atrás apareceu José Roberto, um aposentado que faz questão de propagar os feitos do “santo popular” de Nazareno. Pois bem: os cadernos preenchidos à mão por ele, repletos de histórias envolvendo Cônego Heitor, foram digitados por Doraci em 2018. “Cresci ouvindo o que meus pais contavam sobre ele e me afeiçoei. Por isso fiz questão de tentar ajudar no resgate e no cuidado dessas memórias, dessa inspiração de vida que foi”, conta listando pequenas manias que acabou descobrindo no processo.

Além da batina puída, do transporte no lombo de um burrinho e do inseparável breviário sempre nas mãos, Cônego Heitor era conhecido por aceitar de bom grado tudo o que lhe era servido como quitute. Ainda assim, tinha suas preferências, como uma típica Broa de Fubá. Já num viés inusitado, era afeito a uma boa porção de Couve Refogada - desde que, diferentemente do que se espera, ela já estivesse amarelada. “Havia nele uma essência leve, curiosa e muito divertida também, pelo que contam. Ao mesmo tempo, era uma fortaleza. Dizem que mesmo sofrendo a morte de um dos irmãos ele distribuiu medalhinhas de Nossa Senhora de Nazaré aos presentes no velório”, explica. Para ela, um sinal forte do “carisma e da capacidade de unir” que ele tinha. “Papa Francisco fala muito sobre levar a Igreja até as pessoas - e essa é uma missão que o Cônego Heitor já cumpria décadas e décadas atrás”, conclui.





RESPEITO

Em 1953, Tancredo Neves assumiu o cargo de Ministro da Justiça e Negócios Interiores, ainda no governo de Getúlio Vargas. Em visita a São João del-Rei, sua terra natal, atraiu uma pequena multidão. Dentre eles estava Cônego Heitor, amigo de longa data. Adoecido e necessitado de repouso, o religioso foi orientado a não sair de casa. Mas acabou “fugindo” da vigília ao seu redor e viajou até São João. Tancredo, aliás, teria se alegrado ao reconhecê-lo em meio a centenas de pessoas e o convidado a entrar (possivelmente no Solar do Neves, residência oficial da família). Há quem diga que, pouco depois, o religioso teria ganhado uma batina nova de presente. E que com ela teria sido sepultado em 1955.

A proximidade com aquele que se tornaria o primeiro presidente eleito pós-Regime Militar no Brasil, em 1985, não foi seu único sinal de reverência pública.

A sobrinha, Maria de Fátima Nacif, tem outro caso interessante nesse sentido. Desde 1887, funcionava na cidade a Estação de Nazaré, onde chegavam e partiam trens. Um deles costumava zarpar às 9h com destino a São João del-Rei. “Costumava” porque tudo dependia da presença ou não de Cônego Heitor. “Se o maquinista sabia que Tio Heitor ia viajar, não partia sem ele. Podia até atrasar a viagem, mas aguardava junto com os passageiros. Havia um respeito enorme por sua figura de padre, conselheiro, pastor que guiava o rebanho. Acho que pensavam assim: se não chegou à estação, é porque está ajudando alguém. E se somos pacientes, colaboramos de alguma maneira”, reflete.

Ao vivo, em cores, com fé: em Nazareno também acontecem preces coletivas e presenciais em prol da beatificação de Cônego Heitor. No Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, por exemplo, os 'Irmãos do Santo Rosário' se encontram toda Quarta-Feira, às 14h, para cumprir essa missão. “Para nós, a oração é alimento, força e até caminho. Quando realizamos nossas preces, nos conectamos com Deus e com a memória do Cônego Heitor enquanto nos conectamos uns aos outros também. É muito bonito e faz muito bem”, diz Fátima Lima, que está à frente do grupo.





NA VOZ DO POVO

Nas conversas em Nazareno, muitas narrativas se repetem com pequenas variações. Numa delas, familiares e fiéis teriam visto Cônego Heitor levantar em diferentes lugares. Em todos, nos entanto, fazia o mesmo: orar. Outra fala sobre uma mãe que, com filho doente no colo, procurou a Matriz de Nazareno para que fosse batizado com urgência. Foi recebido por um padre bondoso que aceitou realizar o ritual e ainda a abençoou, dizendo que tudo ficaria bem.

Ao deixar o templo, a mãe aflita acabou se encontrando com um segundo religioso que disse não entender como o batizado havia acontecido se nenhum outro sacerdote se encontrava em Nazareno. Ao explicar quem a havia acolhi-

do e ajudado, descreveu Cônego Heitor. Ele já havia falecido.

A narrativa “da queda” também é comum. Nela, o padre teria despencaído de um barranco enquanto viajava no lombo de seu burrinho. Sem conseguir sair do buraco, teria passado uma noite inteira deitado sobre seu breviário, rezando e pedindo a proteção de Deus. Quando foi resgatado, não tinha qualquer arranhão - e as cobras que rastejaram sobre ele não o picaram.

Há mais: muito se fala, também, sobre seus dons premonitórios. Na família Nacif contam que em Setembro de 1955 Cônego Heitor anunciou: “Vou morrer no dia 8”. O comentário gerou apreensão em quem estava ao redor, numa triste contagem regressiva que terminaria, então, no dia de Nossa Senhora

de Nazaré. Na virada para 9 de Setembro, todos respiraram aliviados.

Cônego Heitor faleceu um mês depois, em 8 de Outubro. Havia, então, acertado a data de sua partida. “Ele foi transformador em vida e segue fazendo a diferença por aqueles que pedem sua intercessão até hoje. Há os milagres, que ninguém explica; e há as graças que centenas ou talvez milhares já tenham recebido. Talvez nem as mereçamos. Mas a Misericórdia Divina permite que elas aconteçam. Quem se apega a Cônego Heitor tem nele um aliado generoso que nasceu e viveu pertinho de nós. É uma dádiva. E seguiremos rezando pra que tamanha santidade seja oficializada pela Igreja Católica”, promete Fátima Abreu, membro da “Sala do Santo Rosário”.
Amém.



Pontos de Atendimento

Alfredo Vasconcelos

Av. Agostinho Bianchetti, 49 - Loja A
Centro - CEP: 36.272-000 - Tel.: (32) 3367-1580
E-Mail: alfredovasc@sicoobcreddivertentes.com.br

Alto Rio Doce

Cel. José Gonçalves Moreira Couto, 118
Centro - CEP: 36.260-000 - Tel.: (32) 3345-1492
E-Mail: altordoce@sicoobcreddivertentes.com.br

Barbacena

Av. Bias Fortes, 572
Centro - CEP: 36.200-068 - Tel.: (32) 3333-2899
E-Mail: barbacena@sicoobcreddivertentes.com.br

Belo Horizonte

Rua Espírito Santo, 1.186
Centro - CEP: 30.160-033 - Tel.: (31) 3222-8667
E-Mail: belohorizonte@sicoobcreddivertentes.com.br

Bias Fortes

Praça Dr. Antônio Pires, 29A
Centro - CEP: 36.230-000 - Tel.: (32) 9 9863-7932
E-Mail: barbacena@sicoobcreddivertentes.com.br

Cipotânea

Rua Capitão José Laureano, 53
Centro - CEP: 36.265-000 - Tel.: (32) 9 9800-9504
E-Mail: cipotanea@sicoobcreddivertentes.com.br

Conceição da Barra de Minas

Praça Cônego João Batista Trindade, 148
Centro - CEP: 36.360-000 - Tel.: (32) 3375-1170
E-Mail: concbminas@sicoobcreddivertentes.com.br

Conta Digital

Google Play - Apple Store
Tel.: (32) 9 9939-5642 (Campo das Vertentes)
Tel.: (31) 9 8437-3714 (BH e Região Metropolitana)
E-Mail: digital@sicoobcreddivertentes.com.br

Coronel Xavier Chaves

Rua Padre Reis, 25
Centro - CEP: 36.330-000 - Tel.: (32) 3357-1301
E-Mail: cxchaves@sicoobcreddivertentes.com.br

Desterro do Melo (Caixas Eletrônicas)

Rua Padre Ernesto, 149
Centro - CEP: 36.230-000 - Tel.: (32) 9 9863-8312
E-Mail: altordoce@sicoobcreddivertentes.com.br

Dores de Campos

Av. Governador Valadares, 187
Centro - CEP: 36.213-000 - Tel.: (32) 3353-1122
E-Mail: dorescampos@sicoobcreddivertentes.com.br

Ibertioga

Avenida Bias Fortes, 198
Centro - CEP: 36.225-000 - Tel.: (32) 9 9950-1801
E-Mail: ibertioga@sicoobcreddivertentes.com.br

Itutinga

Praça Santo Antônio de Pádua, 158 - Loja 3
Centro - CEP: 36.390-000 - Tel.: (35) 3825-1144
E-Mail: itutinga@sicoobcreddivertentes.com.br

Madre de Deus de Minas

Rua Maestro José Gonçalves de Oliveira, 155
Centro - CEP: 37.305-000 - Tel.: (32) 3338-1142
E-Mail: madredminas@sicoobcreddivertentes.com.br

Mercês de Água Limpa

Rua Joaquim Vivas da Mata, 174
Centro - CEP: 36.352-000 - Tel.: (32) 9 9957-2193
E-Mail: mercesalimpa@sicoobcreddivertentes.com.br

Morro do Ferro

Praça Coronel José Machado, 250
Centro - CEP: 35.541-000 - Tel.: (37) 3332-6007
E-Mail: morroferro@sicoobcreddivertentes.com.br

Nazareno

Rua Francisco Ribeiro de Carvalho, 178
Centro - CEP: 36.370-000 - Tel.: (35) 3842-1315
E-Mail: nazareno@sicoobcreddivertentes.com.br

Piedade do Rio Grande

Avenida Sete de Setembro, 75
Centro - CEP: 36.227-000 - Tel.: (32) 3335-1411
E-Mail: piedadegrande@sicoobcreddivertentes.com.br

Prados

Rua Djalma Pinheiro Chagas, 85
Centro - CEP: 36.320-000 - Tel.: (32) 9 99734152
E-Mail: prados@sicoobcreddivertentes.com.br

Resende Costa

Rua Gonçalves Pinto, 135
Centro - CEP: 36.340-000 - Tel.: (32) 3354-1040
E-Mail: resendecosta@sicoobcreddivertentes.com.br

Ritópolis

Rua Santa Rita, 111
Centro - CEP: 36.335-000 - Tel.: (32) 3356-1370
E-Mail: ritapolis@sicoobcreddivertentes.com.br

Santa Rita de Ibitipoca (Caixas Eletrônicas)

Rua Joaquim Rabelo Fonseca, 380
Centro - (32) 9 9861-8999

Santana do Garambéu (Caixas Eletrônicas)

Praça Paiva Duque, 28
Centro - (32) 9 9926-0886

São João del-Rei

Avenida Tancredo Neves, 487
Centro - CEP: 36.300-001 - Tel.: (32) 3371-5313
E-Mail: saojdrei@sicoobcreddivertentes.com.br

São João del-Rei (Caixas Eletrônicas)

Avenida Josué de Queiroz, 32
Pátio Matosinhos - (32) 9 9861-7925

São Tiago (Agência)

Rua Henrique Pereira, 121
Centro - CEP: 36.350-000 - Tel.: (32) 9 9984-9522
E-Mail: saotiago@sicoobcreddivertentes.com.br

São Tiago (Sede)

Rua Carlos Pereira, 100
Centro - CEP: 36.350-000 - Tel.: (32) 3376-1386
E-Mail: creddivertentes@sicoobcreddivertentes.com.br

Senhora dos Remédios

Rua do Rosário, 49
Centro - CEP: 36.275-000 - Tel.: (32) 3343-1312
E-Mail: sremedios@sicoobcreddivertentes.com.br



SICOOB
Credivertentes